

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

DAIANE CARDOSO PAES

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO:
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NOS AMBIENTES DE SAÚDE
MENTAL DE BLUMENAU E COCAL DO SUL / SANTA CATARINA**

**CRICIÚMA
2016**

DAIANE CARDOSO PAES

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO:
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NOS AMBIENTES DE SAÚDE
MENTAL DE BLUMENAU E COCAL DO SUL / SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Feldhaus

CRICIÚMA

2016

DAIANE CARDOSO PAES

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO:
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NOS AMBIENTES DE SAÚDE
MENTAL DE BLUMENAU E COCAL DO SUL / SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 24 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcelo Feldhaus
Mestre em Educação – (UNESC) - Orientador

Prof^a. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira
Mestre em Ciências da Linguagem - (UNISUL)

Prof^a. Lucinéia Sanches
Mestre em Educação - (FURB)

À minha avó, que acolheu minhas aflições desde criança, sem me julgar e obteve profundo esforço em me manter de pé. A todas as pessoas incompreendidas pela sociedade, que encontraram na arte uma maneira de se expressar, fazendo com que essa experiência os preencha.

AGRADECIMENTOS

O termo Trabalho de Conclusão de Curso assusta grande parte dos acadêmicos na oitava fase da graduação. A tarefa de elaborar o TCC proporcionou-me uma infinidade de sentimentos. Angústia, medo de não conseguir concluir a pesquisa, de estar escrevendo palavras sem sentido, tudo isso se mesclou às preocupações cotidianas que foram se intensificando com a conclusão da última fase.

Entretanto, sustento a certeza de que pude contar com pessoas muito especiais que contribuíram para que eu chegasse até aqui. Sendo assim, eu jamais poderia deixar de prestar a minha enorme gratidão àqueles e àquelas que entraram em minha vida durante o meu percurso de quatro anos dentro da graduação.

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, pela vida e por toda a força que tem me dado para continuar. Agradeço aos meus pais, Jefferson e Zulenir, que além de me apoiarem quando tomei a decisão de estudar Artes Visuais, doaram todo o seu amor e compreensão para que eu continuasse firme com meus objetivos.

À minha avó, Benilda, que me manteve de pé todas as vezes que minhas aflições e perturbações me tomaram.

Ao meu irmão, a quem coube a difícil tarefa de me emprestar o notebook para a construção deste trabalho, quando o meu computador parou de funcionar. Entendo que deve ter sido muito difícil para ele ficar sem jogar Counter Strike ou ver os tutoriais de jogos no Youtube.

Aos meus tios, que não me apoiaram e não me apoiam na decisão de defender a educação, mas que a partir disso eu pude me tornar mais forte e perceber que a educação precisa mesmo de defesa, não só da parte de quem atua com ela, mas também por quem se constrói através dela e nem percebe.

Às minhas amigas, sinceras até demais, Taís Rabelo, Laura May e Priscilla Reinert, com as quais dividi momentos de tristeza, alegrias, descontração e aflição com a chegada dos estágios obrigatórios, que também fazem a defesa da arte e da educação.

À Eliana, que coordena os ateliês localizados no bloco Z, que sempre se empenhou em nos ajudar com tudo o que precisávamos. Quero agradecê-la por todos os copos d'água que permitiu que eu pegasse em sua sala, para não tomar a água extremamente gelada do bebedouro.

À Sheila Brigido, pessoa de extrema dedicação e força de vontade, que se propôs a me ajudar, mesmo depois de nossa convivência não ter sido muito boa durante os primeiros anos da graduação.

À professora Édina Regina Baumer, que tinha os motivos cabíveis para tomar a decisão de me desligar do Projeto de Extensão e Fortalecimento de Vínculos, e que ainda assim deu a mim e a Bruna a chance de explorar e conhecer melhor esse campo onde atuamos como bolsistas, dando oportunidade para que pudéssemos nos reconstruir e repensar nossa postura de professoras em formação. E ainda em 2014 a professora me convidou para participar do Museu da Infância, oportunizando experiências significativas dentro desse campo, tenho muito a agradecer à ela por todas as experiências que me proporcionou.

À Rosi, secretária do curso de Artes Visuais, que sempre esteve disposta a nos ajudar com os termos de estágio.

À professora Viviane Kraieski, com quem tive o prazer de ter aulas de Cultura Regional, e quem despertou meu interesse em elaborar um projeto que trouxesse a valorização da cultura brasileira, projeto este de estágio III, realizado no ensino médio, trazendo a cultura Nordestina, que é onde se encontram grande parte das manifestações artístico-culturais brasileiras.

À professora Aurélia Regina de Souza Honorato, que foi quem orientou os meus projetos de estágio III e me tranquilizou, quando tive problema com os termos, frisando a possibilidade de assumir duas turmas e escrever dois projetos para conseguir finalizar dentro dos prazos estabelecidos. Quero agradecê-la também por nos agraciar com seus textos, que são de uma escrita clara e objetiva e sustentam conhecimentos que servem de base para uma autorreflexão.

À professora Silemar Maria de Medeiros da Silva, que juntamente com a professora Aurélia e anteriormente com o professor Marcelo, coordenaram e coordenam o subprojeto de Artes Visuais do PIBID. Sempre de forma compreensiva e construtiva, se preocuparam em proporcionar experiências significativas dentro da escola, na escrita de artigos e leitura de textos e nas reuniões realizadas todas as sextas.

À professora Katiuscia de Oliveira, a quem tive o enorme prazer em convidar para fazer parte da minha banca avaliadora, que acompanhou o meu processo de construção dentro do curso e o desejo inicial que me levou até essa pesquisa.

Agradeço aos meus colegas e todos os professores do curso, as pessoas que conheci em Blumenau, de forma especial, ao João Lucas que me ajudou bastante durante o período em que fiquei na cidade para realizar a pesquisa e possibilitou que, através dele, eu conhecesse uma criança encantadora e também a Skyler, que deixou “fios” de lembranças em minhas roupas. Aos membros e funcionários do grupo Enlourescer, à professora Lucineia Sanches, de quem também tive o prazer de receber um sim para minha banca avaliadora. Às professoras que participaram da entrevista, abrindo seus espaços de atuação para que eu pudesse fazer minha pesquisa.

De maneira muito especial, quero agradecer ao professor Marcelo Feldhaus, a quem coube a tarefa de orientar minha pesquisa, que se mostrou de uma compreensão e organização ímpar, tornando possível que meus limites fossem superados dentro do processo de construção deste trabalho.

Por fim, quero agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente para tornar possível a realização dessa pesquisa.

A todos vocês, minha mais sincera gratidão!

“Por si só, nem o mais sincero sentimento é capaz de criar arte. Para tanto não lhe falta apenas técnica e maestria, porque nem o sentimento expresso em técnica jamais consegue produzir uma obra lírica ou uma sinfonia; para ambas as coisas se faz necessário ainda o ato criador de superação desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele, e só então esse ato aparece, só então a arte se realiza.”

Lev Semenovitch Vygotsky

RESUMO

O presente trabalho propõe como problema de pesquisa uma investigação sobre “como o professor formado em Artes Visuais atua no campo da educação não formal com usuários do serviço de saúde mental.” Consiste em analisar como a arte se faz presente nesses espaços e de que maneira ela é apresentada pelo professor aos usuários do serviço. As questões que norteiam a pesquisa são: O que compreendemos por espaços não formais de educação? De que forma o processo do fazer artístico está ligado às questões de educação em arte nos espaços não formais? A abordagem utilizada tem uma base teórica que abrange conhecimentos em arte? A forma como a arte é apresentada e a experiência de criação artística possibilita um contato sensível dos usuários do serviço de saúde mental com o mundo que os rodeia? Enquanto método constitui-se em uma pesquisa de natureza básica, exploratória e qualitativa. Utiliza pesquisa de campo com a realização de entrevistas envolvendo dois contextos distintos de trabalho com usuários do serviço de saúde mental, um localizado em Blumenau e outro em Cocal do Sul, ambos em Santa Catarina. Os dados analisados se sustentam com o corpo teórico que traz autores como Gohn (2013), Barbosa (2005), Larrosa (2002), Honorato (2015), Nóvoa (1992), Salles (2009), Ostrower (1990) e Vygotsky (2001). A pesquisa apresenta resultados que implicam na importância da apresentação da arte como corpo de conhecimento, dessa forma, apresento uma proposta de curso que se faz importante por ressaltar o acionamento do sensível, articulando-o a bases teóricas que abrangem conhecimentos em arte.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Espaços não formais. Saúde Mental. Processo criativo.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – O manto de apresentação	31
Imagem 2 – Self Portrait with Bandaged Ear - Vincent Van Gogh	34
Imagem 3 – Vomitando criações, 1987 – Eli Heil	36
Imagem 4 – Eli Heil na sala de exposições de seu Mundo Ovo	37
Imagem 5 – Muro lateral do CAPS de Cocal do Sul	46
Imagem 6 – Produção sendo executada pelo grupo Enlourescer na oficina de cerâmica realizada na FURB	51
Imagem 7 – Almofadas com estampas africanas. Proposta feita pela professora nº 2 e executada pelas usuárias do CAPS de Cocal do Sul	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Metodologia do Projeto de Curso	63
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPS	Centro de Atenção Psicossocial.
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social.
ENLOUCRESCER	Associação de Familiares, Amigos e Usuários do Serviço de Saúde Mental de Blumenau.
FURB	Fundação Universidade Regional de Blumenau.
ITCP	Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
ONG	Organização Não Governamental.
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais.
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.
PPA	Projeto de Pesquisa em Arte.
SC	Santa Catarina.
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso.
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA	16
3 O ENSINO DA ARTE E OS ESPAÇOS NÃO FORMAIS	19
3.1 A ARTETERAPIA E O ENSINO DA ARTE NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO	24
4 PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS	28
5 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E OS ESPAÇOS NÃO FORMAIS	40
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	45
7 PROJETO DE CURSO: O ENSINO DA ARTE NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS: OFICINA DE ARTE COM USUÁRIOS DOS SERVIÇOS DE SAÚDE MENTAL	61
7.1 EMENTA.	61
7.2 CARGA HORÁRIA	61
7.3 PÚBLICO-ALVO	61
7.4 JUSTIFICATIVA	61
7.5 OBJETIVOS	62
7.5.1 Objetivo Geral	62
7.5.2 Objetivos Específicos	62
7.6 METODOLOGIA.....	63
7.7 REFERÊNCIAS	63
8 CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICES	71
APÊNDICE A – Autorização do uso de imagem, fala e escrita.	72
APÊNDICE B – Questões Semiestruturadas	73

1 INTRODUÇÃO

O que me impulsiona a realizar essa pesquisa parte da curiosidade que para mim, sempre foi perceptível em relação à linha tênue envolvendo loucura e genialidade, e no meio disso está a arte, a criação e o sensível.

Logo no Ensino Fundamental, nas aulas de artes, quando aprendemos sobre o Surrealismo de Dalí e o Expressionismo de Van Gogh¹, lembro que demonstrava mais interesse pela vida dos artistas que pelas imagens das obras que nos eram apresentadas. Com o passar do tempo fui percebendo o quanto os artistas que possuíam algum tipo de transtorno mental eram mais sensíveis em suas produções em arte e o quanto este sensível alimentava suas obras.

Algo que sempre despertou minha curiosidade era que aquilo que estava no inconsciente do artista era trazido à tona, seus anseios, medos, repulsas, ódio, tristeza.

Ao longo do curso, não tivemos matérias que suprissem essa curiosidade, pois o mesmo não envolve estudo de patologias, ou mesmo a utilização da arte como ferramenta. Porém, fui aguçada a partir da disciplina de Psicologia da Aprendizagem que tivemos na 3ª fase, onde fizemos um breve estudo sobre os transtornos mentais mais comuns. Foi a partir daí que eu decidi que faria minha pesquisa nessa área, pois queria poder perceber como a arte está ou não presente nos espaços não formais, mais precisamente nos CAPs (Centro de Atenção Psicossocial) ou Associações de Serviços destinados à Saúde Mental. A psicologia utiliza da arte como mecanismo terapêutico, a fim de promover um processo criativo dentro da arte, que possibilite ao paciente expressar suas emoções produzindo.

E aí me surgiram vários questionamentos. A arte, em sua concepção ampla, deveria ser apresentada e estudada nesses espaços somente como fins terapêuticos? A arte deveria ser apresentada como ferramenta ou como linguagem, produção de pensamento? Quem trabalha nessa área, o professor formado em Artes ou o terapeuta ocupacional, formado em Psicologia? A abordagem utilizada abrange conhecimentos em arte, ou somente a experiência em produção artística é evidenciada nesses espaços?

¹ Não defendo aqui que as produções desses artistas estejam arraigadas somente nestes dois movimentos artísticos. Parto do princípio de como minhas lembranças me rememoram o encontro com estes conteúdos em minhas aulas de Artes na infância.

Foi aí então que comecei a procurar revistas e artigos que tratassem do tema para suprir a minha curiosidade. Foi durante as férias de inverno de 2016, que tive a oportunidade de passar uns dias em Blumenau. Eu me hospedaria perto da FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau) então decidi enviar um e-mail à coordenação do Curso de Artes Visuais solicitando uma visita, a fim de conhecer o curso e os projetos que eram desenvolvidos lá.

Meu objetivo era também buscar materiais dentro da biblioteca que pudessem me ajudar no tema da pesquisa anterior, a que fiz durante o PPA - Projeto de Pesquisa em Arte. Chegando à FURB, a coordenadora do curso de Artes Visuais me apresentou e falou sobre o curso e os projetos que eram desenvolvidos dentro da Universidade relacionados às artes visuais. Durante a conversa, expus a ela o meu desejo da pesquisa sobre arte nos espaços não formais, mais precisamente nos espaços destinados a serviços de saúde mental, e como acredito que nada acontece por acaso, ela disse que era coordenadora das oficinas com o grupo Enlourecer², que é uma Associação de familiares, amigos e usuários do serviço de saúde mental de Blumenau e me convidou para assistir uma oficina. No decorrer da pesquisa, apresentarei mais informações sobre a associação e o projeto desenvolvido com este grupo na FURB.

A partir daí fui me apaixonando cada vez mais pelo assunto e decidi então que faria minha pesquisa na FURB, com aquele grupo, onde eu procuro investigar como a arte é apresentada nos espaços não formais de educação e como o professor formado em Artes Visuais atua no campo da Educação não formal com usuários do Serviço de Saúde Mental.

Contudo, este serviço está presente em outros municípios, nos CAPS como, por exemplo, em Cocal do Sul, porém minha ênfase é pesquisar quem são os profissionais que atuam com o grupo Enlourecer de Blumenau e com o CAPS de Cocal do Sul e se o profissional que realiza as oficinas de arteterapia possui formação em Artes Visuais e de que forma a arte é apresentada nesses espaços.

Neste viés, a pesquisa estrutura-se em 8 capítulos, sendo o primeiro de introdução. O segundo capítulo apresenta o percurso metodológico dessa pesquisa, e para a fundamentação utilizo os seguintes autores Demo (2000) e Minayo (2002,

² Associação de Familiares, Amigos e Usuários do Serviço de Saúde Mental de Blumenau. Associação criada há 15 anos que tem como principal objetivo incluir os usuários nos demais setores da sociedade.

2009 e 2013).

Em sequência apresento o capítulo 3, discorrendo sobre os conceitos de ensino de arte e os espaços não formais que apresenta uma discussão sobre a estruturação dos espaços não formais, a postura do professor atuante neste campo e a importância da arte nesses espaços. Esse capítulo é fundamentado por Gohn (2013), Silveira (2016) e Barbosa (2005). Há também um subcapítulo que traz conceitos sobre a história da arteterapia e discorre sobre o ensino da arte nos espaços não formais, para sustentar essa discussão. Trago autores como Andriolo (2003), Urrutigaray (2003), Zagonel (2008) e Larrosa (2002).

No capítulo 4, discorro sobre os processos criativos e os espaços não formais, trazendo para a discussão os processos de criação de três artistas distintos: Arthur Bispo do Rosário, Vincent Van Gogh e Eli Heil, que contém uma base teórica fundamentada nos seguintes autores: Salles (2009), Picasso (1985), Silveira (1981), Dantas (2009), Mello (2000), Honorato (2015), Buoro (2002), Bongier (2008), Voskuil (1990), Walther e Metzger (2006), Boulon (2003), Klock e Schultz (2011), Ostrower (1987) e Silva (2003).

O capítulo 5 discute a formação do professor e os espaços não formais. Nesse capítulo trago um pouco de minha trajetória dentro do curso de graduação, discutindo a formação do professor e o papel da arte nos espaços não formais. O corpo teórico desse capítulo compreende estudos de autores como: Gohn (2010 e 2013), Fazenda (2001), Nóvoa (1992), Lüdke (2001), Cardoso (2012), Martins (2010), Duarte Jr (2012) e Leite, Ostetto (2004).

No capítulo 6, apresento a análise de dados, dialogando com estudos de Costa (2002), Martins (1998), Salles (2009), Ostrower (1990), Freitas (2005), PCN (1997), Bauman (1998), Rilke (1980), Vygotsky (2001), Veiga (2000) e Imbernón (1994).

O capítulo 7 apresenta a proposta de curso, com base nas questões que norteiam a pesquisa e no que foi constatado na análise, a partir da entrevista que foi realizada. Para fundamentar meu projeto de curso, trago Rancière (1996) e Ferraz e Fusari (1993). Já no 8º e último capítulo, apresento a conclusão da pesquisa, relacionando os dados observados com estudos de Martins (2009).

2 METODOLOGIA

Pesquisar significa construir novos conhecimentos, é uma incerteza que permite ao pesquisador encontrar caminhos para explorar e conhecer novas realidades. Pedro Demo (2000, p. 33) nessa perspectiva destaca que: "na condição de princípio científico, pesquisa apresenta-se como a instrumentação teórico metodológico para construir conhecimento".

Pesquisar na educação torna-se importante, pois é o momento para podermos refletir sobre o papel da educação na vida e na formação do ser humano. É necessário ponderar as incertezas encontradas no caminho da educação e a forma como o professor enfrenta tais questionamentos, pois toda incerteza leva à pesquisa e produção de conhecimento.

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (MINAYO, 2002, p. 17).

Minha pesquisa tem como tema: "Espaços não formais de educação: Reflexões sobre o ensino da arte nos ambiente de saúde mental de Blumenau e Cocal do Sul/SC". A concepção teórico-metodológica adotada é de abordagem qualitativa, onde será recorrido à pesquisa de campo, com base em entrevistas que, segundo Minayo:

[...] é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo. (2013, p. 64).

Trago como objetivo geral, o interesse em investigar qual o papel da arte dentro dos espaços não formais de educação, refletindo sobre como é apresentada nesses locais e como o professor formado em artes visuais trabalha com usuários do Serviço de Saúde Mental.

Com os objetivos específicos procuro analisar de que forma o processo do fazer artístico está ligado às questões de educação em arte no serviço de saúde

mental. Investigar como professor formado em artes atua no campo da educação não formal com os usuários deste serviço. Evidenciar de que forma a abordagem utilizada estabelece relação com conhecimentos em arte e observar uma oficina com usuários do serviço de saúde mental.

O instrumento que usarei será uma entrevista com professores ou professoras atuantes nos CAPS e Associação de Usuários do Serviço de Saúde Mental de Blumenau, onde farei questionamentos sobre os métodos utilizados pelos mesmos, de que forma levam a arte para esses espaços e também irei observar uma oficina realizada pelos mesmos. Também farei entrevista com a professora que trabalha com oficinas de arte no CAPS de Cocal do Sul, município vizinho de Criciúma.

Por meio da pesquisa de campo, podemos compreender a realidade vivenciada no espaço não formal construindo conhecimentos e apontando questionamentos em torno do problema que apresentamos.

Segundo Minayo (2009, p. 26), a pesquisa de campo se traduz em:

Levar para a prática empírica a construção teórica elaborada da primeira etapa. Essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros.

A pesquisa está inserida na linha de pesquisa Educação e Arte³, do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, que busca estudar os princípios teóricos e metodológicos sobre Educação e Arte. Quanto à sua natureza, a pesquisa é considerada básica. Minha pesquisa é direcionada pela questão problema: como o professor formado em Artes Visuais atua no campo da educação não formal com usuários do Serviço de Saúde Mental de Blumenau.

As questões que norteiam a pesquisa são: O que compreendemos por espaços não formais de educação? De que forma o processo do fazer artístico está ligado às questões de educação em arte nos espaços não formais? A abordagem utilizada tem uma base teórica que abrange conhecimentos em arte? A forma como a arte é apresentada e a experiência de criação artística possibilitam um contato sensível dos usuários do serviço de saúde mental com o mundo que os rodeia?

Nessa pesquisa, a preocupação está em refletir sobre como a arte vem

³ Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/normas_tcc_licenciatura.pdf. Acesso em 23/08/16 às 11h38.

sendo estudada dentro dos espaços não formais de educação e se a forma de contextualização abrange conhecimentos em arte, bem como se o modo como a arte é apresentada e a experiência de criação em arte possibilitam um contato sensível dos usuários do Serviço de Saúde Mental com o mundo que nos rodeia.

A pesquisa envolveu a professora responsável pelas oficinas de cerâmica realizadas com o grupo de usuários do Serviço de Saúde Mental de Blumenau - SC, denominado Enloucrescer, projeto vinculado ao Programa de Extensão Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB), e ao Curso de Artes Visuais da FURB. Conto também com o olhar de outra professora que trabalha com Oficinas de Artes no CAPS do município de Cocal do Sul, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e autorização para uso de fala, escrita e imagem disposto no Apêndice A.

3 O ENSINO DA ARTE E OS ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Para entendermos o conceito de espaço não formal de educação, primeiramente precisamos entender o que o espaço formal significa. Os espaços formais de educação são as Instituições Escolares de Educação Básica e Ensino Superior, amparadas na Lei 9394/96⁴ de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e se caracterizam como etapas da educação, com diretrizes, normas, seriação ou habilitação, carga horária mínima e currículo. Além disso, é comum também relacionarmos o ensino formal a um modelo padrão de escola, onde encontramos ambientes com salas de aula, cadeiras e mesas enfileiradas, salas de informática, refeitórios, salas de multimeios, bibliotecas, entre outros. Já o espaço não formal significa todo e qualquer lugar dentro ou fora da escola onde pode haver uma ação educativa, ou seja, espaços possíveis de aprendizado.

Segundo Gohn (2013, p.12):

A educação não formal não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instituições superiores oficiais e certificadoras de titularidades. Difere da educação formal por que esta última possui uma legislação nacional que normatiza critérios e procedimentos específicos. A educação não formal lida com outra lógica nas categorias espaço e tempo, dada pelo fato de não ter um curriculum definido a priori, seja quanto aos conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas.

Ao contrário da educação formal, a educação não formal não possui documentos norteadores como a LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), mas pode ser estruturada com base em políticas, documentos e projetos que dependem do que se quer trabalhar e da instituição onde se vai trabalhar.

A educação não formal surgiu entre as décadas de 60 e 70, partindo de necessidades sociais, ampliando o conceito de educação e abrindo espaços não formais, com novas metodologias de ensino, novas ideias, atendendo a um público que, geralmente se encontrava em vulnerabilidade social.

Os espaços de educação não formal surgiram inicialmente vinculados aos espaços das igrejas, como pastorais e sindicatos, que realizavam mobilizações com o objetivo de promover e desenvolver trabalhos sociais.

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm, acesso em 05/10/16 às 18h35min.

Em meados de 90 surgiram as Organizações Não-Governamentais – ONG's e o campo da educação não formal, mais precisamente com as oficinas começam a ter uma reforma, com ações mais planejadas e objetivos estruturados.

Diferentemente da educação formal, na educação não formal, as metodologias partem das necessidades apresentadas ou encontradas de quem está sendo atendido, levando em conta seu contexto social, cultural e familiar. Nesse sentido, Gohn descreve:

Na educação não formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem partem da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e pensar o mundo que circunda as pessoas. (2013, p. 18)

É de extrema relevância pensar no perfil do profissional que atua no campo da educação não formal, e dessa forma coloco-me a pesquisar sobre como o professor formado em Artes Visuais trabalha nos espaços não escolares, como por exemplo, com usuários do serviço de saúde mental e assim refletir sobre o que está sendo feito e como a arte é apresentada e inserida nesses espaços.

Normalmente, os espaços de educação não formal contam com uma equipe técnica, multidisciplinar que contém profissionais da área da saúde, como psicólogos e fisioterapeutas, assistentes sociais e pedagogos, bem como com professores, geralmente da área de artes onde se contemplam oficinas de artes visuais, música, dança e teatro e com professores de outras áreas da licenciatura, como Educação Física e Letras.

Apesar de vários profissionais possuírem licenciatura nessas instituições, é comum encontrar pessoas que não possuem formação nas áreas em que atuam, e esse fato decorre por ser uma área que está se desenvolvendo, pouco explorada durante a graduação e pouco pesquisada também, por se ter uma preocupação maior com a escola. Não desmereço aqui a escola, de forma alguma, é nela que acredito que se faz a construção do pensamento crítico, no entanto olhar e ocupar esses outros espaços e tempos é fundamental para profissionalização da área da arte bem como disseminá-la enquanto direito garantido em nossa Constituição (BRASIL, 1988). Os profissionais que atuam nesse campo são chamados de

professores, educadores sociais ou facilitadores, dependendo a especificidade do serviço.

Quando ouvi pela primeira vez o termo “facilitador”, me remeteu a algo pejorativo. O que é um facilitador? Facilita o que? Isso nos faz refletir sobre a formação docente na área de artes, que ainda é pouco valorizada, houve conquistas significativas, mas precisamos continuar a caminhar, pois ainda encontramos aqueles que pensam que artes é um fazer desassociado do pensar. Fato que se reafirma quando o Ministério da Educação (2016)⁵ propõe medida provisória para reformulação do Ensino Médio retirando a disciplina de Arte como componente curricular obrigatório do currículo. Ponho-me a pensar: como a arte é vista por nossos governantes? Há possibilidade de uma sociedade sem arte? Sem cultura? Sem resistência?

O educador social necessita, além de compreender as competências e habilidades de sua área de atuação, ter um perfil afetuoso, de autoridade e não autoritária, conhecedor das legislações vigentes e, sobretudo, comprometido, pois em diversas situações poderá se deparar com um público que precisa dele para construir suas relações interpessoais em busca da emancipação. Normalmente, essas instituições são localizadas em ambientes de vulnerabilidade social e o público atendido é um que possui especificidades que merecem atenção.

O educador social é algo mais que um animador cultural, embora também tenha que ser um animador do grupo. Para que ele exerça um papel ativo, propositivo e interativo, deve continuamente desafiar o grupo de participantes para a descoberta dos contextos e que estão sendo construídos os textos (escritos, falados, gestuais, gráficos, simbólicos, etc). Por isso, os educadores sociais são importantes, para dinamizarem e construir o processo participativo com qualidade (GOHN, 2013, p. 20).

Trago uma reflexão sobre minha primeira experiência com a educação não formal. Durante o percurso da graduação, fui convidada pela professora Édina Regina Baumer, para participar de um projeto de extensão⁶ de fortalecimento de vínculos, a ser realizado nos CRAS – Centro de Referência da Assistência Social de Criciúma. A princípio atendíamos dois Centros de Referência, localizados nos bairros Tereza Cristina e Vila Miguel na cidade de Criciúma-SC. Essa foi a minha

⁵ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=39621> acesso em 05/10/16 às 18h35min.

⁶ Projeto de Extensão e Fortalecimento de Vínculos, desenvolvido no ano de 2013, aprovado no edital nº 14/2012/UNAHCE.

primeira experiência. Não havia iniciado nenhum estágio obrigatório e não obrigatório ainda, mas resolvi aceitar a oportunidade.

Realizávamos oficinas de arte com crianças e adolescentes que se encontravam em vulnerabilidade social. Acredito que, por não ter vivenciado nenhuma experiência e ter me espelhado na educação que eu recebi na Educação Básica, acabei tendo um perfil de professor tradicional⁷ dentro do CRAS, um lugar em que eu deveria me mostrar mais solidária, abraçar as crianças e procurar conversar com elas.

Então eu e minha colega fomos chamadas por nossa coordenadora, que nos explicou sobre o perfil que o CRAS precisava. Como a assistência social não queria mais a nossa presença no CRAS, por conta desse perfil que apresentamos, a professora Édina nos mostrou a possibilidade de trocar de unidade com a outra acadêmica que estava realizando oficinas no CRAS de Nova Veneza (cidade vizinha a Criciúma). Aceitamos a proposta e nos pusemos a pensar sobre o perfil que tínhamos e o perfil que a instituição precisava, pensávamos que poderíamos nos doar um pouco mais. Foi um semestre repleto de aprendizado em arte e de empatia, observamos nosso comportamento e conseguimos nos reconstruir, transbordar, justapor em prol do público que estava sendo atendido. Dessa maneira, gostaria de mencionar uma citação de uma de minhas leituras, sobre aprender com erros.

De repente, a gente vê que aprendeu várias coisas. Mas isso não se deu de um dia para o outro. MUITÍSSIMO pelo contrário: foi aos poucos. “De repente” não quer dizer que a gente aprendeu rápido. Quer dizer que não percebemos que estamos aprendendo, até que – plim – aquele aprendizado nos transforma em outros seres. Mais evoluídos, mais sábios, mas nem por isso menos propensos à repetição dos erros de sempre. (SILVEIRA, 2016, p. 55).

Trago essa citação, fazendo uma análise do meu percurso dentro do curso de Artes Visuais – Licenciatura, dos textos que discutimos em sala de aula, sobre a formação do professor e a importância do professor pesquisador, e sobre aquilo que observamos durante os estágios obrigatórios e nossas ações metodológicas. Estamos propensos a cometer erros, sim, mas devemos tomar

⁷ O ensino tendência tradicional, tomava a figura do professor como detentor de conhecimento. A função da escola, nesse modelo de ensino era transmitir conhecimentos disciplinares que subsidiassem a formação geral do aluno, que o levariam para o mercado de trabalho, suprimindo as exigências do mesmo.

nossos erros como aprendizado e isso só acontece quando refletimos sobre eles e conseguimos nos abrir para a reconstrução e reinvenção.

Dessa forma, conseguimos realizar um bom trabalho no CRAS de Nova Veneza, que logo foi reconhecido pela assistente social e pelos educadores que atuavam neste espaço, fato que se comprova quando um de nossos trabalhos foi escolhido para submeter como resumo na Feira de Ciência e Tecnologia, realizada na UNESCO em 2013⁸. A oficina que foi submetida tinha como tema: “O Grafite e o Hip-Hop”, em que procuramos falar sobre o Hip-Hop e suas vertentes contemplando também o grafite.

Os Centros de Referência da Assistência Social – CRAS são responsáveis por ofertar medidas de proteção a quem se encontra em vulnerabilidade social. Esses centros ficam localizados em territórios de abrangência de riscos. Nos CRAS onde atuei havia oficinas de teatro, dança, artes visuais e música frequentadas por crianças e adolescentes no contra turno da escola. Essas oficinas vêm contribuindo de maneira significativa na construção dos sujeitos que têm a oportunidade de vivenciar experiências com a arte dentro do CRAS, e para ressaltar, trago Ana Mae Barbosa, que destaca que:

Tudo isto vem confirmando que Arte não é apenas uma mercadoria como querem os capitalistas, nem quadro para pendurar na parede, como dizem com menosprezo os preconceituosos que acham que Arte é um luxo sem o qual um país endividado como o nosso pode passar. É através das Artes, através do estímulo à criação, que ONGs com muito menos dinheiro do que o Ministério da Educação vêm gastando em Educação, conseguem educar melhor e combater muito mais eficientemente a exclusão e a violência. (2005, p. 293).

Percebo que nem todas as unidades ofertam esse tipo de serviço (oficinas), pois onde moro, em Siderópolis, há um Centro de Referência, mas apenas para dar auxílio básico às famílias que necessitam, como cestas básicas. Não julgo que seja menos importante, mas como vivenciei experiências dentro desse tipo de espaço e pude perceber o crescimento pessoal dos usuários do serviço do CRAS (as crianças), penso que seria de extrema relevância pensar em estruturar essas oficinas dentro de cada CRAS. Já que no artigo 58 do capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente, cita que:

⁸Evento institucional da UNESCO em comemoração à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, promovida pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura. Art. 59. Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude⁹.

Nessa concepção, os artigos presentes no documento nos dão base para refletir sobre os direitos da criança e do adolescente, enquanto sujeitos que necessitam de espaços que promovam a cultura, a cidadania e a inclusão social, respeitando sua realidade.

Sendo assim, no próximo capítulo apresentarei um estudo sobre a Arteterapia e o Ensino da Arte nos espaços não formais de Educação.

3.1 A ARTETERAPIA E O ENSINO DA ARTE NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

A arteterapia nasce na profissão de terapeuta ocupacional, e foi criada no século XX nos Estados Unidos, tendo sua prática reconhecida pelo objetivo de inserir àqueles que possuíam algum tipo de transtorno psíquico nos setores sociais. No Brasil, a terapia ocupacional teve início no ano de 1920 e era exercida por psiquiatras que inovaram os métodos de tratamento em saúde mental, cujo objetivo era acabar com os tratamentos violentos e ocupar os pacientes com oficinas de arteterapia. No Brasil, dois psiquiatras tiveram destaque pelos métodos utilizados em arteterapia, Osório César em 1923 e Nise da Silveira em 1946 (ANDRIOLO, 2003).

Não trago como foco da pesquisa, a arteterapia na concepção da terapia, onde a arte, em sua amplitude é utilizada para fins terapêuticos, meu objetivo é provocar reflexões sobre como a arte está ou não inserida nas ações metodológicas das oficinas realizadas com os usuários do serviço de saúde mental e pesquisar como o professor formado em Artes Visuais, que possui conhecimentos em arte adquiridos durante o percurso da graduação e de especialização, leva seus conhecimentos para esses espaços, evidenciando que a arte é fazer associada ao pensar, tendo uma base teórica que abranja conhecimentos em arte. Trago uma breve fala sobre a história da arteterapia no Brasil, para que os leitores possam

⁹ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm acesso em 01/11/2016 às 18h15

melhor compreender meus objetivos dentro desse campo em contraponto com o foco da pesquisa.

Nesse contexto proponho uma reflexão sobre de que maneira a arte se apresenta nesses espaços, já que no início foi utilizada como ferramenta para uma terapia que tinha como objetivo ocupar os pacientes para deixá-los mais calmos, porém, em meio a tudo isso existe a produção em arte, que é nutrida por conhecimentos sobre arte e o processo do fazer artístico, que também é articulado por bases teóricas. As produções dos sujeitos que utilizam do serviço de saúde mental, participantes das oficinas, eram alimentadas por seus medos, anseios, sentimentos e contexto social, já que:

Ao ser possível integrar, pela ação consciente, o resultado criado com a temática emocional oculta na representação apresentada, o sujeito adquire a condição de transcender as suas vivências imediatas, experimentando novos sentimentos e disponibilizando-se para novas oportunidades. (URRUTIGARAY, 2003, p.18).

Partindo da ideia de extinção dos tratamentos violentos que eram exercidos nos hospitais psiquiátricos (conhecidos como manicômios), é importante pensar em desenvolver juntamente aos usuários do serviço de saúde mental, portadores de sofrimento psíquico, atividades de ensino que sejam capazes de ampliar os conhecimentos em arte, para subsidiar saberes que possam ser aplicados na vida cotidiana e profissional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 institui o ensino da Arte como componente curricular obrigatório em todos os níveis da educação básica. Dessa forma, menciono o documento para nos instigar a refletir sobre a importância da Arte na formação humana do sujeito, sendo que, existe uma grande preocupação com os ganhos em relação ao desenvolvimento cultural dos alunos, e essa preocupação torna-se maior ainda quando o Ministério da Educação (2016)¹⁰ propõe medida provisória pedindo a reformulação do Ensino Médio, que retira a disciplina de Arte do currículo como componente obrigatório. A educação não formal pode e acredito que deva seguir o mesmo sistema da educação formal, apesar de não ser amparada em leis, como a LDB, é direito previsto na Constituição de 1988 que todos devem ter direito de acesso à arte e à cultura. Possibilitar

¹⁰ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=39621> acesso em 05/10/16 às 18h35min.

experiências de criação em arte e vivências no acesso aos espaços onde a arte e a cultura estão situadas podem ser grandes fontes para nutrir e enriquecer o processo de desenvolvimento pessoal do sujeito, estimular o sensível e auxiliar no percurso de uma formação humana ampla.

Nessa perspectiva, Zagonel (2008) sustenta que:

A arte e a cultura são um meio de expressão humana, um meio de comunicação importante. O indivíduo expressa, por meio da arte, seus sentimentos, suas angústias, suas alegrias e se sente participativo na sociedade na qual está inserido. A arte proporciona atividades que permitem a inclusão, e por isso são meios de transformação social. (p. 30).

Uma das finalidades da arte é a transformação, sobretudo a autotransformação, em que consta que o sujeito só aprende algo, quando aquilo passa a modificar o que ele pensava sobre determinada coisa. Quando posto em contato com as diversas linguagens artísticas, tais como dança, teatro, performance, escultura, pintura, essas ações servem de base para provocar reflexões que desenvolvam o sensível. Portanto é importante levar em conta que a arte é uma área de conhecimento que permite ao sujeito se expressar, produzir e refletir, reconhecendo-se como sujeito participativo da sociedade. Quando levada aos espaços não formais, mais precisamente ao campo da saúde mental, onde se tem como principal objetivo a inserção dos usuários do serviço nos diversos setores da sociedade, seja profissional ou social, é importante salientar que a arte enquanto área de conhecimento deve também contribuir através de ações teóricas e metodológicas que possibilitem o acesso desses usuários aos espaços onde a cultura e a arte estão presentes, não somente ter contato com o fazer artístico e sim com aquilo que já foi produzido por alguém, bem como provocar a experiência em diferentes processos criativos dos participantes.

Em setembro de 2016, fiz uma viagem à Blumenau para fazer a pesquisa de campo, e acabei me deparando com um evento promovido pelo Coletivo Colmeia¹¹. O evento estava na 5ª edição e aconteceu nos dias 24 e 25 de setembro de 2016. Era composto por atrações culturais que aconteciam em tempo integral e deram abrangência às diversas linguagens da arte, tais como teatro, performance, intervenção, fotografia, instalações, desenho, pintura e dança. Visitei o evento

¹¹ Disponível em: <http://coletivocolmeia.com.br/2016/09/20/quinta-edicao-do-colmeia-ocorre-neste-fim-de-semana-em-blumenau/> - acesso em 16/10/16 às 11h34min

durante os dois dias e observei o empenho e engajamento dos artistas do coletivo que também eram responsáveis pela organização da proposta. Penso que esses eventos são grandes maneiras de tornar os usuários do serviço de saúde mental, que muitas vezes são esquecidos pela sociedade, sujeitos participativos e promotores de cultura sendo que esses eventos, em geral trazem muita bagagem cultural àqueles que têm a oportunidade de apreciar.

Mas é importante parar, respirar, sentir e refletir, pois a agilidade com a qual o excesso de informação e como tudo acontece hoje, por vezes nos impede de vivenciarmos experiências significativas no âmbito da vivência nos espaços onde a arte está inserida e nos espaços onde o ser humano se insere dentro da arte, produzindo, que seria a introspecção e a auto reflexão, ou seja, aquilo que constrói o que é etéreo em nós. Para melhor entendermos, utilizo-me de Larrosa (2002, p. 21)¹² que enfatiza:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

Dessa forma, o que nos acontece e nos toca é chamado de experiência, mas somente seremos tocados, se estivermos abertos a tais experiências. Por isso a necessidade de parar e refletir sobre as mesmas.

É necessário ponderar que, dentro dos espaços formais ou não formais de educação, a experiência com a arte tem grande importância na formação humana dos indivíduos, dá asas ao sensível e desvenda o mundo onírico pessoal de cada sujeito que permite ser tocado por ela.

¹²Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> - acesso em 16/10/16 às 11h34min.

4 PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Quando a terapia ocupacional teve o objetivo de utilizar a arte como mecanismo terapêutico, acabou indiretamente possibilitando a criação em arte, dando asas ao sensível, à imaginação e fruição, mesmo que essa não fosse a mola propulsora do contato. Dentro desse contexto está o processo criativo, que consta em um longo percurso de incertezas, dúvidas, ajustes, justaposições, transbordamentos, acertos e apropriações. Nessa concepção, Salles (2009, p.30) destaca que:

A arte está sendo abordada sob o ponto de vista do fazer, dentro de um contexto histórico, social e artístico. Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente.

O processo de criação em arte mostra-se como um difícil percurso que sofre inúmeras transformações por meio do qual faz alguma coisa existir, é um processo movimentado pela incerteza. A ideia de criação sustenta o exercício do desenvolvimento, do crescimento e de dar vida às produções, é constituída por gestos que ora constroem e ora destroem. Pensando sobre o processo criativo, trago o artista Pablo Picasso que ressalta:

Os quadros são uma soma de destruições. Eu faço uma pintura e em seguida destruo. Mas, no fundo, nada é perdido. O vermelho que retirei de um lugar qualquer, pode ser encontrado em outra parte do quadro. (1985, p.13)

Este processo de criação é permeado pela sensibilidade e para pensar o processo nos espaços formais e não formais é importante considerar ações que possam dar bases para estimular este sensível. Nesse contexto, Salles (2009) destaca que: “O estado de criação mantém a sensibilidade suspensa, à espera e à procura de sensações que, na medida em que ativam sensivelmente o artista, são criadoras”.

A sensibilidade ganha espaço na imaginação, que é ativada por imagens existentes na memória daquele que está criando, imagens que se baseiam em experiências vivenciadas que, tendo como consequência a especificidade de cada experiência pessoal, a imagem ora possa estimular a criação de uma produção que

agrade aos olhos do espectador, ora possa estimular a criação de uma produção que seja impactante, grotesca e até, por vezes, mal compreendida. Nessa concepção, Salles (2009) destaca que:

Trata-se de uma imagem sensível que contém uma excitação. O artista é profundamente afetado por essa imagem que tem poder criativo; é uma imagem geradora. Essas imagens, que guardam o frescor de sensações, podem agir como elementos que propiciam futuras obras, como, também, podem ser determinantes de novos rumos ou soluções de obras em andamento. (p. 58).

Essas imagens podem fazer parte do inconsciente do sujeito, podendo vir à tona quando estimuladas dentro do processo criativo, que sofre mudanças no seu percurso. Essas imagens servem como veículos de expressão de estados emocionais, expressões essas que são tomados pela terapia, como importante meio para identificar o estado psíquico em que o sujeito se encontra e conseqüentemente, contribuir para seu tratamento.

No âmbito da terapia ocupacional, a psiquiatra Nise da Silveira foi reconhecida, por seus métodos terapêuticos em que utilizava da arte como ferramenta para trabalhar a expressão dos pacientes, que em consequência poderia auxiliar a decifrar a sua psicopatologia e traria melhoras em seus quadros clínicos, principalmente no tratamento da esquizofrenia. Nise não considerava que essas formas de expressão fossem arte. “É uma forma de expressão. Mas eu não chamo de arte, porque não garanto que eles sejam artistas”. (SILVEIRA apud MELLO, 2009, p. 116).

Em contraponto, trago para reflexão, Arthur Bispo do Rosário, artista visual classificado como esquizofrênico/ paranoico, que após ter um surto psicótico em 22 de dezembro de 1938, em que teve uma visão, onde acreditava ter visto Jesus Cristo descendo a terra, cercado por anjos azuis e declarou ter recebido a missão de reconstruir o universo para apresentar à Deus no dia do Juízo Final. Bispo então, se abriga em um monastério que o direciona ao Hospital dos Alienados na Praia Vermelha, localizado no estado do Rio de Janeiro. Arthur Bispo do Rosário produziu todas as suas obras durante o longo período em que permaneceu internado. No entanto, suas obras só foram descobertas no início dos anos 80, quando puderam adentrar no mundo que as separava da sociedade (DANTAS,

2009)¹³. Suas produções receberam grande destaque nas artes plásticas brasileiras e o artista alcançou repercussão internacional. Uma arte movida pela busca de retomada da razão, cujas obras contam com uma poética sensacional. Seu processo de criação aconteceu durante o período em que permaneceu internado na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Suas obras são de uma riqueza processual encantadora, pois Bispo utilizava materiais de seu cotidiano para produzir, tais como, sobras de material hospitalar e até pedaços das próprias roupas. Conforme descreve Mello:

Bispo nunca permitiu, enquanto vivo, qualquer interferência em sua obra, e o acesso a ela era restrito a poucos, segundo sua vontade. Ao contrário da dos demais, sua produção foi realizada sem qualquer apoio institucional, como ateliês ou materiais de trabalho. Ele não realizou imagens desenhadas ou pintadas: sua obra atua no campo tridimensional, cuja extrema originalidade tornou-o capaz de reunir os mais diversos objetos do cotidiano do hospital e, transformando-os, dar-lhes um novo significado. (2000, p. 112)

O próprio Bispo não se reconhecia como artista. Foram as instâncias de arte: críticos, curadores, pesquisadores, museus que viram potência em seu trabalho. No ano de 1982, o crítico de arte Frederico Moraes insere suas obras na exposição “À Margem da Vida”, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM). Hoje, parte de sua obra está reunida no Museu Bispo do Rosário, instituído na ex Colônia Juliano Moreira. Em 2003 a galeria de Paris, Galerie Nationale du Jeu de Paume, exibiu 79 trabalhos do artista incluídos na mostra La Clé des Champs et Arthur Bispo do Rosário, que também contou com uma seleção de 117 obras realizadas por pacientes com transtornos psíquicos de vários países.

A riqueza processual das obras de Arthur Bispo do Rosário é algo que encanta e surpreende, pois grande parte de seus trabalhos é feito com uso de materiais que retirava de seu cotidiano, que basicamente envolviam fios que conseguia desfiando suas roupas e tecidos coloridos. O processo de criação, muitas vezes não segue uma linha temporal, onde se tem a origem e a finalidade do fazer, muitas vezes marcada pela intenção de um projeto poético, mas ao observar trabalhos como o de Bispo, há relações diversas que nos revelam a mentalidade curiosa do artista na incorporação de elementos que, aparentemente são desarmônicos e não possuem utilidade, e estabelece funções para cada elemento

¹³ DANTAS, Marta; Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio, 2009, p.14.

utilizado, no ato de explicar o seu entorno. Ele passa a estabelecer um conjunto de possibilidades de criação, suas obras tomavam forma a partir dos materiais que ele recolhia pela Colônia conforme destaca a imagem 01, “O manto de apresentação”:

Imagem 1 – O manto de apresentação



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario>

O manto de apresentação é uma produção na qual Bispo executou durante boa parte do período em que permaneceu como interno, o qual pretendia usar na hora de sua morte, pois acreditava que com ele, se apresentaria a Deus. No manto ele bordou nomes de pessoas, as quais ele intercederia perante Deus.

O papel da arte no espaço da saúde mental não tem como finalidade construir artistas, embora isso possa ocorrer com o processo criativo, a exemplo de Arthur Bispo do Rosário.

A arte, em sua potência transborda o sujeito e tem como intuito provocar experiências e o contato com o sensível, por isso ressalto a importância da arte, não como ferramenta terapêutica, mas como potência de criação e de acionamento do sensível, que auxiliado por uma equipe multidisciplinar que compreende conhecimentos de sua área, pode reacender dispositivos que precisam ser acompanhados e tratados.

Bispo só foi reconhecido como artista, quando o crítico de arte Frederico Moraes passou a integrar suas obras ao cenário artístico. Dessa forma, eu arrisco a acreditar que, essas pessoas que permaneciam enclausuradas nos hospitais psiquiátricos, nos manicômios, impedidas de quaisquer convívios sociais, que hoje

ocupam os Centros de Atenção Psicossocial (os CAPS), essas pessoas que frequentam oficinas de arte, que produzem em arte, assim como Arthur Bispo do Rosário, podem sim ser artistas, embora esta não seja a pretensão, porém partindo do princípio que o acesso a arte e a cultura são direitos de todo e qualquer cidadão, se apresentada como potência criadora podemos ter o desenvolvimento de processos criativos e pesquisa em arte de sujeitos que recebem cuidados na ordem mental, física ou em qualquer outra patologia. Salles (2009) destaca que:

As relações tensionais, que mantém a vitalidade do processo de construção da obra, aparecem também nas emoções do criador. As marcas psicológicas do gesto criador carregam sentimentos opostos que, na medida em que atuam um sobre o outro, tornam a criação possível (p. 85).

No entanto, o processo criativo se dá nas relações que o indivíduo estabelece com o seu próprio ser sensível, com o seu interior. A arte está ligada à emoção, ao sentimento, e em consequência disso vem à expressão. Dessa forma, ressalto a importância de que é momento de o professor de artes ser mediador entre esse sensível e a criação, e estabelecer métodos que subsidiem a conexão dos indivíduos atendidos com esse sensível, para que possa facilitar a liberdade de expressão. Honorato (2015, p. 2994) ressalta que:

O sensível não se faz porque o sensível não é a relação imediata com a coisa, o sensível é a medialidade, é o instante-já, é o meio. Nós somos capazes de nos fazer imagem. Imagem é aquilo que está em mim, mas não está em mim. No plano do ser humano nós conseguimos produzir imagens naturalmente, mas o ser humano externaliza esta imagem em meios diversos e a arte em geral é um meio absoluto de produção destas imagens.

Desse modo, a arte se mostra como meio pelo qual os indivíduos podem exteriorizar essas imagens, sendo que o fazer artístico precisa estar ligado a questões de conhecimentos em arte, que proporciona ao indivíduo estabelecer relações entre essas imagens e o seu sensível e é através dele que, percepção e a intuição se relacionam. Por isso o papel da arte nos espaços formais e não formais de educação deve ser potencializada, a arte deve atuar como prevacente e não como coadjuvante nesse processo uma vez que produz um conhecimento sensível que outras ciências não promovem. Dessa maneira, trago Buoro (2002), que destaca:

Se arte é produção sensível, se é relação de sensibilidade com a existência e com experiências humanas capaz de gerar um conhecimento de natureza diverso daquele que a ciência propõe, é na valorização dessa sensibilidade, na tentativa de desenvolvê-la no mundo e para o mundo devolvê-la, que poderemos contribuir de forma inegável com um projeto educacional no qual o ensino de arte desempenhe um papel preponderante e não apenas participe como coadjuvante (p. 41).

Voltando aos artistas que possuíam algum tipo de patologias no âmbito da saúde mental, trago para a reflexão, a vida de Vincent Van Gogh, pintor holandês que desenvolveu um distúrbio psíquico, que acabou influenciando muitas de suas obras.

Van Gogh nasceu na cidade de Groot Zundert, na Holanda, em 30 de Março de 1853. Quando era criança, o artista gostava muito das coisas relativas à natureza, como, animais e flores, delas fazia todos os tipos de coleção e não possuía nenhum talento para o desenho (BONGER, 2008). Há histórias que contam que, neste período, Vincent exibia características explosivas e tinha acessos de raiva, comumente frente às atitudes rígidas do pai (VOSKUIL, 1990).

O artista, em vida não desfrutou de seu reconhecimento com a arte, pois suas obras só obtiveram destaque após sua morte. Van Gogh teve uma vida conturbada, fora mal compreendido pela sociedade diversas vezes, era um ser religioso e por conta disso, cedia suas roupas, comida e cama para os mais necessitados, em decorrência foi recriminado pela igreja, que se assustou com seu grande fervor, isso fez com que Vincent se sentisse desnecessário para o mundo. (WALTHER & METZGER, 2006). Aos 27 anos de idade, Vincent escreve uma carta a seu irmão Théo, para quem escreve durante sua vida toda, contando a decisão de virar artista, pois via na arte um maneira de torna-lo útil para o mundo, seu empenho que antes era dedicado à igreja, agora volta-se para a pintura e o desenho. (BONGER, 2008). No decorrer de sua vida, conhece o artista Paul Gauguin, com quem conviveu intensamente, um convívio marcado por brigas e desentendimentos, que em 1888, após discutirem e Van Gogh fazer uma tentativa de agressão ao amigo Gauguin, Van Gogh se mutilou, cortando o lóbulo da orelha esquerda, entregando-a uma prostituta que era sua amiga. (BOULON, 2003).

Lembro-me de ouvir a polêmica história da orelha cortada de Van Gogh, no 7º ano do Ensino Fundamental, e lembro que foi a partir de Van Gogh que meu interesse por esses artistas foi aguçado. O artista era um ser sensível de mais e era esse sensível que expressava em suas obras.

Imagem 2 – Self Portrait with Bandaged Ear - Vincent Van Gogh



Fonte: <http://www.1st-art-gallery.com/>

Pode-se dizer que as obras de Van Gogh narram sua vida, ele poderia ter ocultado na pintura o episódio lamentável em que cortou a orelha, poderia ter se autorretratado com as duas orelhas, pois é produção do artista e é dele a liberdade para criar como quiser, mas Van Gogh quis retratar-se com a orelha cortada (Imagem 02), dessa forma expressando o fato ocorrido, contando uma história de sua vida.

Aproximando para a arte regional e catarinense, trago também para a reflexão a artista Catarinense Eli Heil, que também tem seus processos de criação ancorados em sentimentos e dores.

Eli Malvina Diniz Heil nasceu em 1929 em Palhoça – SC e possui formação acadêmica na área da licenciatura, tornando-se professora de Educação Física. Casou-se em 1952, passando a morar na cidade de Florianópolis – SC. A arte começou a se manifestar em sua vida, estando ligada à maternidade. Após Eli dar a luz ao seu segundo filho, passou por complicações, sentindo falta de ar recebendo o diagnóstico de bronquite asmática, que a deixa doente por oito anos, permanecendo acamada por cinco, desses oito anos. (KLOCK; SCHULTZ, 2011).

Foi durante esses cinco anos que Eli deu a luz a sua terceira filha¹⁴, e nesse período a arte começa a brotar dentro dela. Conforme a própria artista descreve em seu livro *Óvulos de Eli: a expulsão dos seres de Eli Heil*:

O ovo começou a borbulhar. O ovo começou a ferver. O ovo começou a pular. Parti para uma gravidez mental. O ovo já começou a ferver, a crescer, a borbulhar, a se escandalizar. [...] o ovo já estava bicudo. Houve ali outra explosão: a do meu cérebro com a explosão do meu ovário: PLUF, PLUF, PLUF, já nasci, já nasci, já nasci. OVO, ÓVULOS, OVÁRIO. (KLOCK; SCHULTZ, 2011, p. 14).

Suas obras são definidas por ela mesma como: “[...] a expulsão de seres contidos, doloridos, em grande quantidade, num parto colorido” (KLOCK, 2011) dando forma artística e involuntária aos seus impulsos e imagens do inconsciente. A artista é movida pela intuição e impulsionada por um transe, de certa forma, tudo o que faz, ela considera como se fosse um parto, algo saído de seu ventre, e cuida como se fosse um de seus filhos (KLOCK, 2011).

No decorrer do tempo, a artista já estava participando de exposições dentro e fora do Brasil, passando a ser visitada por críticos de arte. Dessa forma, a artista enfatiza: “[...] por meio de momentos, pensamentos e depoimentos poéticos, coloco-me diante do espelho que reflete em cada olho, em cada pensamento, a história reduzida de minha vida pessoal e a história mais completa de minha vida artística”. (KLOCK, 2011).

Sua arte pode ser entendida como um processo bruto, uma arte que possui um caráter espontâneo, inconsciente e inventivo, algo executado fora dos conhecimentos em arte, normalmente adquiridos em escolas, universidades, galerias ou museus. Os temas e técnicas utilizadas por ela não são relacionados a tendências modistas, mas surgem partindo de invenções pessoais, que são exteriorizadas pelo seu interior. Dentro do mundo imaginário de Eli Heil, não há limites, seu processo criativo é permeado pela liberdade de desenvolver seu próprio estilo, de formas inusitadas. Suas criações não são feitas para agradar a um público, mas, sim, como expulsão de seres contidos dentro dela. Eli possui produções na pintura, no desenho, na escultura e na cerâmica.

¹⁴ Processo de gravidez mental da artista, onde ela mesma diz que começa a gerar uma terceira filha que seria o seu processo criativo dentro da arte.

Para Ostrower (1987) a criatividade é inerente ao ser humano, e o ato de criar é reunido por ações simbólicas, que se relacionam à criação. Dessa forma, a autora ressalta que:

Compreendemos, na criação, que a ulterior finalidade de nosso fazer seja ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não representa um relaxamento ou esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos nós a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que nos ampliamos em nossa abertura para a vida (p. 28).

As obras de Eli chamam atenção pelas formas e métodos diversificados utilizados por ela e pelas cores chamativas e explosivas. A artista dá vida a personagens que fogem da apresentação de uma realidade lógica (imagem 03).

Imagem 3 – Vomitando criações, 1987 – Eli Heil



Fonte: <http://eliheil.org.br/por/acervo/>

No ano de 2016, nós, do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, visitamos o Museu do Ovo de Eli Heil, localizado em Santo Antônio de

Lisboa / Florianópolis – SC, e lá pude perceber ao observar os quadros de Eli, que essas obras possuem uma intensidade no uso das cores vivas. As camadas grossas de tinta mesclam-se aos tons e texturas formando uma harmonia encantadora e chamativa conforme destaca a imagem 4. Normalmente é a artista quem recebe os visitantes em seu museu, mas neste dia fomos recepcionados por seus filhos, os quais pude perceber que zelam muito por todo o trabalho produzido pela mãe durante a vida. Eli possui grande apressão por sua obra, passando a cuidar como se fossem seus filhos.

Imagem 4 – Eli Heil na sala de exposições de seu Mundo Ovo



Fonte: Guto Kuerten / Agência RBS

A escolha por estes artistas, parte das percepções sobre as particularidades do processo criativo de cada um, partindo da premissa de que alguns deles foram incompreendidos pela sociedade e passaram por períodos delicados em suas vidas. Bispo do Rosário teve sua arte considerada modernista, Van Gogh iniciou no impressionismo, mas logo depois foi considerado expressionista e hoje podemos dizer que sua produção não resulta a um único movimento. Eli Heil de forma peculiar não tem suas obras encaixadas a nenhum movimento artístico, embora alguns de seus traços remetem-se ao expressionismo e ao surrealismo.

Seu processo criativo é particular e inovador e a escolha por Eli Heil parte da experiência de ter visitado o museu e também pela importância de ser uma artista

local. Sendo assim, podemos compreender os processos criativos como parte da unicidade de cada artista, Salles (2009, p.41) revela:

Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade de cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único.

Naturalmente, esse processo está ligado a questões do inconsciente, em que é possível ser acionado através da estimulação do sensível, penso isso para os espaços não formais, na importância de proporcionar um ambiente de oficinas que contemplem conhecimentos em arte e que a experiência com a criação possa dar asas a esse sensível.

Minha pesquisa adentra o campo da arte nas oficinas relacionadas aos usuários dos serviços de saúde mental e dentro disso, busquei evidenciar esses três artistas e seus processos criativos para que entendêssemos como se deu esse processo, partindo da premissa de que esses artistas, assim como os usuários dos serviços de saúde mental pesquisados, possuem peculiaridades e especificidades no campo da saúde mental. O processo criativo desses artistas se estabeleceu no diálogo entre arte/loucura. Porém, sobre Arthur Bispo do Rosário, Silva ressalta que:

É de se lembrar, ainda, que a loucura não é prenúncio obrigatório para a arte. [...] A esquizofrenia em si, não é pré-requisito para a criação. Bispo é caso raro. Rico e qualitativo, tanto para o estudo da loucura criativa, quanto da possibilidade de a desrazão se tornar, por meio da ação, um universo de expressão criativa ou do eu dissociado. Tem, ainda, relevância como vontade intrínseca e independência do ser, ainda que subjugado ao espaço de coação, sem condições ou reforços mínimos para a prática de qualquer forma de expressão (2003).

Por fim, ainda que a loucura não seja prognóstico para a criação em arte, é importante pensar que esse ser que, muitas vezes é incompreendido pela sociedade, apresenta possibilidades de ver o mundo diferente dos outros, pois nos limitamos a ver o mundo da maneira como nos apresentam, e este sujeito, muitas vezes, conhece os limites que permeiam o seu entorno e os ignora, e isso acaba possibilitando a descoberta de novas experiências, pois quando um limite é superado, as portas do conhecimento se abrem, onde se potencializa um processo

cognitivo, e no meio de tudo isso a arte se faz presente como potência no processo criativo.

5 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E OS ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Partindo de minhas experiências dentro dos espaços não formais de educação, pude perceber que a educação não está recolhida apenas para dentro dos muros da escola, embora a escola seja o espaço institucionalizado onde a educação acontece e a mesma possui um papel de extrema relevância na formação do sujeito, porém a educação, em especial no ensino da arte, se faz também nos espaços de educação não formal.

A educação não formal contribui para a produção do saber na medida em que atua no campo no qual os indivíduos atuam como cidadãos. Ela aglutina ideias e saberes produzidos via o compartilhamento de experiências, produz conhecimento pela reflexão, faz o cruzamento entre saberes herdados e saberes novos adquiridos. (GOHN, 2013, p.13).

Estamos vivenciando um período de incertezas no âmbito da Educação e da Saúde, é proposta do atual governo reduzir os gastos com estes serviços. Dentro disso trago para reflexão a importância dos projetos que pude participar como bolsista na universidade durante o meu percurso dentro da graduação, ambos vinculados à escola e aos espaços não escolares.

Logo na 1ª fase, surgiu a oportunidade de participar do Projeto de Extensão e Fortalecimento de Vínculos, o qual citei no capítulo 3, onde vivi a experiência dentro de um espaço não formal, o CRAS, este era um projeto subsidiado pela Universidade. Já na 3ª fase, entrei para o PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, do qual faço parte até hoje, esse projeto é subsidiado pelo governo e está presente na maioria das Universidades do Brasil. Também vivenciamos momentos de incertezas dentro do projeto em 2015 - 2016, pois o governo tinha como meta reduzir gastos com os programas sociais e com as bolsas dentro das Universidades, mas com muito engajamento, união e a força dos inúmeros coletivos e bolsistas do programa espalhados em todos os estados do país, conseguimos manter o PIBID. Vejo o PIBID como um importante programa que contribui para a formação inicial de futuros docentes, pois enquanto acadêmicos de licenciatura, podemos vivenciar experiências observando a prática docente dos professores supervisores, contribuindo e aprendendo, estabelecendo uma troca de experiências. É por conta desse projeto que temos a oportunidade de estabelecer contato com a escola em sua totalidade, antes mesmo de iniciar as

disciplinas de Estágio Obrigatório. Ele vem se tornando uma política pública de extrema relevância para a valorização da educação. Algumas metas do PIBID se classificam em:

Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus 1521 professores como formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (CAPES, 2012)¹⁵.

Dessa forma, discorro sobre o conceito de formação, trazendo Batista (apud FAZENDA, 2001), que ressalta que a formação é “[...] reconhecimento das trajetórias próprias dos homens e mulheres, bem como exige a contextualização histórica dessas trajetórias, assumindo a provisoriedade de propostos de formação de determinada sociedade.” A formação propicia a forma sem o intuito de torna-la como finalizada, a formação é algo constante. O autor ainda discorre sobre isso enfatizando que é: “[...] algo inacabado, com lacunas, mas profundamente comprometido com a maneira de olhar, explicar e intervir no mundo”.

Através desse conceito, podemos perceber que a formação não é um processo estagnado, e sim um movimento que acontece no impulso do desenvolvimento pessoal e profissional de cada indivíduo, processo este, que sofre a interferência de períodos e contextos históricos em que o desenvolvimento acontece, é um processo de construção permanente, onde o professor estabelece uma postura crítico – reflexiva, que não se limita ao acúmulo de conhecimentos e técnicas, mas que possibilita ao profissional, refletir, para que assim consiga construir novos conhecimentos. Nesse contexto, Nóvoa (1992, p.25), afirma que:

[...] estimular uma postura crítico- reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Uma formação que não se limite ao acúmulo de

¹⁵Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid> acesso em 25/10/2016 às 13h43min

conhecimentos e técnicas, mas que considere o professor como um profissional que age, reflete e cria durante seu trabalho pedagógico, possibilitando a construção de novos conhecimentos.

A sociedade atual é movida pelas incertezas, desconstruções e busca por mudanças, e a escola já não comporta um modelo de ensino no qual a preocupação está em preparar o aluno para entrar no mercado de trabalho, através da reprodução de conhecimentos, e sim, visa formular bases para que os alunos possam organizar o pensamento crítico. Aí se dá a importância do professor pesquisador, que parte de um princípio reflexivo que visa à construção de conhecimento através da reflexão, analisando e problematizando conceitos. Dessa maneira, Lüdke enfatiza que a busca pela reflexão possibilita que os professores possam:

Problematizarem, analisarem, criticarem e compreenderem suas práticas, produzindo significado e conhecimento que direcionam para o processo de transformação das práticas escolares. Todavia, reflexão não é sinônimo de pesquisa e o professor que reflete sobre a sua prática pode produzir conhecimento sem, necessariamente, ser um pesquisador. Quando ele avança, indo ainda além da reflexão, do ato de debruçar-se outra vez para entender o fenômeno, encurta a distância que o separa do trabalho de pesquisar, que apresenta, entretanto, outras exigências, entre as quais a análise à luz da teoria (2005, p. 8).

Minhas experiências com os projetos dentro da Universidade possibilitaram que eu pudesse não só atuar como bolsista nesses espaços (a escola e o CRAS), mas também para que tomasse essas experiências como reflexão, para que pudesse repensar minhas práticas dentro do contexto dos estágios obrigatórios. Após ter vivenciado essa experiência, pude perceber o quão importante é para nós acadêmicos, termos a experiência antes de iniciar os estágios obrigatórios, pois acabamos levando uma bagagem sustentada pelos conhecimentos adquiridos empiricamente ao ambiente em que iremos atuar. Dessa forma, segundo Cardoso:

A docência exige comprometimento e essas dificuldades devem ser de estímulos para se exercer da forma mais plena possível a função docente, pois esta função implica envolvimento total e luta por justiça social que pode começar pela busca de melhores condições de trabalho, tentando minimizar esses problemas contidos numa profissão de relevância extrema ao desenvolvimento de qualquer país. (2002, p. 4).

Nesse contexto, é importante pensar que, para os espaços formais ou não formais o profissional que irá atuar nessa área necessita sempre estar se atualizando, buscando informações e conceitos que possa trazer para a suas ações

metodológicas, a fim de promover conhecimentos. Segundo Gohn a educação não formal consiste em:

[...] um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagens e de produção de saberes, que envolve organizações/ instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. (2010, p. 33).

Contudo, a arte se faz importante no espaço escolar, porque também está presente fora dele, nessa concepção, Martins discorre que:

[...] a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber. (2010, p. 12).

A arte atua como potência, porque dá bases para que o ser humano possa se expressar e estabelecer relações com o meio social de maneira mais aprazível, e isso já foi comprovado através dos projetos sociais que visam à inserção do sujeito na sociedade, projetos como o CRAS, por exemplo, que têm alcançado êxito por afastar muitas crianças e adolescentes do mundo do crime. Dessa forma, provooco uma reflexão sobre o poder transformador que a arte tem, pois ela permite que o sujeito se reconheça como atuante de uma sociedade em que ele está inserido. Duarte Jr defende que:

A arte em todas as suas manifestações, é, por conseguinte uma tentativa de nos colocar diante de formas que concretizem aspectos do sentir humano. Uma tentativa de nos mostrar aquilo que é inefável, ou seja, aquilo que permanece inacessível às redes conceituais de nossa linguagem. As malhas dessa rede são por demais largas para capturar a vida que habita os profundos oceanos de nossos sentimentos. Ali, quem se põe a pescar são os artistas. (2012, p. 49).

Nesse contexto, entendo que a arte em sua amplitude tem um poder transformador, que trabalha com conhecimentos e articula bases que possam sustentar o sensível, dessa forma, ela não deve ser apresentada como meio para se chegar à um fim, a arte basta por si só, pois é uma área de conhecimento que proporciona experiências e experimentações.

É o convite da arte que chega, chamando ao ensaio de novos ares, ao dar-se conta do olhar, do ato de contemplar uma pintura, de entrar na dança, arriscando passos, de fazer, experimentar, sentir a sensação de caos, da frustração, do erro e também a satisfação da realização, do acerto. Arte é isto: totalidade! É também um conhecimento em si, não pode ser pretexto pra nada. O conhecimento artístico-cultural não pode ser chamado para tornar o árido mais palatável, para fazer o difícil ficar fácil, para tornar tudo mais gostosinho... Não! (LEITE, OSTETTO, 2004, p. 12).

Dessa maneira, faço provocações a nós, enquanto futuros professores, para fazermos a defesa de nossa disciplina dentro da escola e das manifestações artísticas e culturais fora dela, para que assim todos tenham contato com a arte e com o fazer artístico, os quais se fazem importante instrumento na formação humana do sujeito. Entretanto, tendo como base as questões que norteiam essa pesquisa, trago para a reflexão qual o papel da arte no espaço não formal pesquisado, que foi o da saúde mental, que discorrerei sobre isso no capítulo que segue, a análise de dados.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com o percurso metodológico dessa pesquisa, descrito no capítulo 2, promovi com duas professoras que possuem formação em Artes Visuais, uma entrevista com roteiro semiestruturado. A professora nº 1 é coordenadora do Projeto de Extensão Rede de Economia Solidária que integra o Programa de Extensão Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB), do qual faz parte a Associação de Familiares Amigos e Usuários do Serviço de Saúde Mental do Município de Blumenau – ENLOUCRESCER, e responsável pelas oficinas de cerâmica desenvolvidas com os membros do grupo ENLOUCRESCER.

Um dos objetivos consiste em ensinar cerâmica num contexto de educação não formal, ponderando o contexto histórico dos usuários do serviço envolvidos e a sustentabilidade ambiental. As oficinas acontecem durante a semana, nas quintas-feiras, no Laboratório de Cerâmica do Curso de Artes Visuais da FURB, no período da manhã.

A professora nº 2 atua com oficinas de Arte no CAPS de Cocal do Sul. O Centro de Atenção Psicossocial – CAPS é um projeto do Ministério da Saúde, que faz parte da Rede de Atenção em Saúde Mental. É uma iniciativa de caráter aberto e comunitário que busca realizar atendimento aos indivíduos que possuem transtornos mentais graves ou persistentes, sem excluir aqueles que decorrem do uso excessivo de álcool e drogas. O CAPS de Cocal do Sul é um local receptivo desde a entrada, há nos muros laterais uma produção em grafite, realizada por um convidado da professora nº 2 e pelos usuários do CAPS conforme destaca a imagem 5:

Imagem 5 – Muro lateral do CAPS de Cocal do Sul



Fonte: acervo da pesquisadora.

As oficinas ministradas pela professora nº 2, acontecem nas terças e quartas-feiras, e sua atuação é com um grupo de, mais ou menos 15 mulheres.

Procurei elaborar uma entrevista, na busca por respostas, que possibilitassem a reflexão em torno do problema da pesquisa que procura evidenciar como o professor formado em Artes Visuais atua nos espaços de educação não formal com usuários do serviço de saúde mental.

Recebi autorização para uso de fala e imagem das duas professoras, a partir do termo de consentimento disposto no anexo A, mas por questões éticas, optei por destacá-las como professora nº 1 e professora nº 2.

Iniciei com a professora nº 1, da FURB. Enviei um e-mail com antecedência, propondo uma visita ao ateliê e perguntei também se ela teria disponibilidade e se fosse de sua vontade responder alguns questionamentos sobre a minha pesquisa, ela me retornou dizendo sim e logo marcamos o dia. Já com professora nº 2 liguei para o CAPS de Cocal e expliquei sobre minha pesquisa, perguntando se ela também teria disponibilidade e vontade de responder ao questionário, ela logo respondeu que sim e marcamos para dia 5 de outubro.

Encontrei a professora nº 1, os usuários e duas acadêmicas bolsistas do projeto, no ateliê de cerâmica da FURB, como aconteceu na primeira visita, fui muito

bem recepcionada por todos que se encontravam na sala, observei a oficina e depois a professora e eu fomos à sala ao lado para que eu pudesse entrevistá-la. A professora nº 2 encontrei no CAPS, no horário que havíamos combinado e ela estava esperando as mulheres participantes de suas oficinas chegarem. Enquanto isso me levou para conhecer o CAPS e me mostrou os trabalhos que havia desenvolvido com elas. Me senti bastante acolhida e muito bem recepcionada pela professora nº 2, pelos funcionários e pelas participantes da oficina de artes.

Iniciei perguntando há quanto tempo as professoras atuavam nesse campo. A Professora nº1 destaca que: *“No campo de educação não formal de artes visuais com usuários do sistema de saúde mental, desde 2009”*. Já a Professora nº2 relata que atua há *“mais ou menos 15 anos”*.

Segui perguntando em que ano concluíram a graduação em Artes Visuais – Licenciatura. Professora nº 1: *“Em 98, mas não foi a minha primeira. Quando eu me graduei em Artes Visuais, já estava fazendo pós-graduação e me preparando para ir para o mestrado, eu já tinha uma graduação, que era História”*. A Professora nº 2 destacou: *“Em 1999”*. Dei seguimento perguntando sobre suas especializações. Professora nº 1 *“Foi na área de Arte e Educação e o mestrado na área da Educação voltado para a Sociologia”*. Professora nº 2: *“Sim, uma. Fundamentos Estéticos e Metodológicos no Ensino da Arte”*. E minha pergunta seguinte foi, o que as motivou a atuar no campo da educação não formal com usuários do serviço de saúde mental? A Professora nº 1 destacou: *“O projeto de extensão da Incubadora, é um projeto muito antigo que nasce no IPS - Instituto de Pesquisas Sociais, então eu entrei no Instituto de Pesquisas Sociais para fazer pesquisa na área de artes no ano de 1996, e aí o Instituto de Pesquisas Sociais foi extinto, sendo dividido em outros departamentos, momento em que é criada Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB)”*. *As Incubadoras Universitárias foram criadas para dar suporte e assessoria técnica, contábil, jurídica, psicológica, educacional para empreendimentos de economia solidária da área de resíduos sólidos - cooperativa e associações de catadores - e os artesãos da região). Com a extinção dos manicômios, entre tantas ações institucionais nas esferas municipais, estaduais e a nível federal, coube à Universidade, através do Programa de Extensão, criar mecanismos de inclusão social para esses portadores de sofrimento psíquico que não podiam mais ser internados e esquecidos nos manicômios, a inclusão social.*

Então, o que a educação não formal faz é proporcionar inclusão social, porque ela não tem um fim, ela não vai cancelar, não pretende dar nota. O que a educação não formal pode fazer neste sentido, é incluir os sujeitos, numa situação prazerosa, e proporcionar experiências estéticas e de conhecimento através da arte”.

Concordo com a professora nº 1, quando diz que o objetivo das oficinas de artes é incluir os sujeitos numa situação prazerosa e proporcionar experiências, e para melhor compreensão, trago Costa que ressalta que:

A prática artística na educação estimula a imaginação e a criatividade, além de despertar vocações que podem se desenvolver em direção às áreas de criação e expressão. Além disso, como a arte envolve gosto e prazer, ela predispõe ao aprendizado, abrindo a nossa mente para o conhecimento. Por isso, assim como a arte invade todos os campos da vida humana, deve também estar presente nas diferentes disciplinas e práticas pedagógicas, despertando a atenção, o interesse e facilitando a memorização (2002, p. 13).

Perguntei então à professora nº 1 o que a levou a trabalhar com isso, algum desejo pessoal, ou algo assim? E a resposta foi: *“Na área de artes, nós temos três profissionais na Incubadora. Eu, da área das visuais, um professor de teatro e um de música. O de música trabalha com música clássica que é a área dele, o de teatro, com teatro, e a mim coube criar formas de trabalho, de atividades vinculadas ao curso de Artes Visuais. Eu trabalho com os estágios, e também tem o estágio não formal, então foi tudo conduzindo pra isso, uma necessidade mesmo, uma necessidade institucional, alguém tinha que fazer e por afinidade, coube a mim a tarefa”.*

A Professora nº 2 relata: *“Na verdade eu acabei caindo aqui de pára-quedas. Foram me procurar, pois precisavam de uma professora de Artes. Eu comecei a trabalhar e fui me encantando com a resposta que eles me davam dos trabalhos que eu propunha. Eu sempre trazia um artista, fundamentava e a gente construía com um olhar voltado em cima de imagens, eu sempre procurei trazer imagens, falava sempre um pouco da história do artista, e eu tento localizar, que observaste, no mapa. Então eu procuro saber onde o artista mora, levo elas para o mapa, para que tenham uma noção. Outra coisa que eu faço é, quando eu trago algo pra elas, mostro as três Américas (América do Norte, América central e América do Sul e a Europa), que muita coisa que vem pra nós, vem da Europa, mas isso não*

quer dizer que também não tenhamos artistas brasileiros. Eu trabalho Portinari , que eu gosto muito e a Eli Heif'.

Na devolutiva observada nas respostas das professoras, trago Martins que ressalta sobre o educador:

Há um instante mágico na vida em que, nem mesmo sabendo por que, ficamos envolvidos num jogo. Num jogo de aprender e ensinar. Fazemos parcerias. Não só com os outros, mas também parcerias internas nos propondo desafios. Porém, só ficamos nesse estado de total cumplicidade com o saber se este tem sentido para nós. Caso contrário, somos apenas espectadores do saber do outro (1998, p. 127).

Nessa perspectiva, o professor é a figura que propõe desafios à si mesmo, ao levar determinados conteúdos aos espaços de educação, é aí que entra a figura do professor pesquisador, que tem o desejo por estar estudando conceitos para passar a diante e gerar outros conhecimentos.

Então perguntei quais os transtornos que esses usuários do serviço apresentam? E a Professora nº 1 respondeu: *“Todos são portadores de sofrimento psíquico. O caso de cada membro da associação que frequenta as oficinas é conhecido, mas nós não nos envolvemos com a questão patológica. Se a pessoa está bem, ela participa das atividades, se não está bem, recebe atendimento de acordo com a necessidade. Acontece situações de crise durante as atividades, mas todos se ajudam”.*

A Professora nº 2 relatou: *“TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), Esquizofrenia, Depressão. Nós tínhamos uma com Borderline - que eu perguntei à ela o que significava e ela disse que: é assim, o sujeito está com um pé na sanidade e o outro na loucura. Ela pintava enlouquecidamente. Uma vez eu a provoquei para pintar uma tela, uma produção assim, enlouquecida. E aí eu tive que parar, porque alguns não têm equilíbrio, não sei se tu percebeu aqui. Então quando eles produzem, se encontram. Por exemplo, quando eles lavam, lavam de mais, quando eles não lavam, lavam de menos, ou quando eles pintam, pintam de mais. Eles não têm meio termo, ou é de mais ou de menos. E o que eu faço com eles aqui, é trazê-los para a realidade. Em alguns momentos eu as tiro daqui da sala e “puxo a orelha” lá na sala do médico, porque o que falta nelas é o cotidiano, elas não tem o que a gente tem, de levantar, lavar o rosto, escovar os dentes, a gente chama isso de rotina. Elas têm dificuldade de ter a rotina. Então tu percebeu, quando eu coloco elas*

pra pintar, elas dizem pra mim, professora eu quero pintar, o que eu respondo? Pegar o avental, preparar o espaço, preparar para a realidade, porque não é simplesmente professora eu quero pintar. Eu não vou dar avental, não vou dar pincel. Também faz parte do tratamento que elas tenham autonomia e rotina. Então eu trago elas pra realidade, que pra pintar precisa de uma coisinha pra lavar, um paninho, pincel e tinta e elas têm autonomia pra fazer, elas devem ter. Na verdade eu as encorajo, que elas são capazes e que elas podem fazer, e fazem. A autoestima delas é muito baixa, de se certificar de que podem, porque a família tira muita coisa delas, a própria família e a sociedade não as dão valor, então elas chegam aqui com a autoestima arrasada. Eu faço todo esse trabalho, levanto elas, jogo pra cima e provo, e elas provam pra si mesmas que fazem. Esse é o poder transformador da arte”.

Perguntei qual o principal objetivo de realizar oficinas de arte nesses serviços? A Professora nº 1 ressalta que: *“Desde o tempo em que começou a se pensar na Lei Antimanicomial, a arte sempre foi colocada como um recurso, e a arte não formal não é um recurso, a arte é uma ciência, um corpo de conhecimento, que de forma adequada pode proporcionar bem-estar, pode proporcionar inclusão e conhecimento, porque os conteúdos são trabalhados”.* A Professora nº 2: *“Olha, é aquilo que eu acabei de te dizer, a questão de trabalhar para que elas tenham uma rotina, a autoestima, de provarem que elas são capazes e de ver o trabalho terminado e elas saberem que foram elas que fizeram, é mais ou menos isso”.*

Nesse contexto, faço uma analogia com o capítulo 4 que discute os processos criativos, em que consta que esse processo se desenvolve na relação que o indivíduo estabelece com o seu próprio ser sensível. Nessa concepção, trago Salles, que ressalta que:

Uma mente em ação mostra reflexões de toda espécie. [...] São diálogos internos: devaneios desejando se tornar operantes; ideias sendo armazenadas; obras em desenvolvimento; reflexões; desejos dialogando. São pensamentos que, às vezes, são registrados em correspondências, anotações e diários (2009, p. 47).

Em sequência, perguntei: Você considera que o processo de produção artística está ligado a questões relacionadas aos conhecimentos em arte como produção de conhecimento? A Professora nº 1 destacou: *“Sim, só que a produção deles, é uma produção espontânea, quando a proposta é trabalhar um conteúdo de*

arte vinculado ao conhecimento de cerâmica, eles costumam desenvolver um trabalho muito próximo do que é cultura popular, muito próximo das cerâmicas nordestinas, do Vitalino, onde eles se constroem, se expressam pelo objeto, colocam coisas de seus cotidianos. Assim como Bispo do Rosário tinha uma matéria, eles têm a cerâmica e se expressam da mesma forma. Alguns escrevem também nas peças, eles moldam e recortam, fazem a sua poética, eles têm uma poética própria". Podemos observar na imagem 6 a fala da professora.

Imagem 6 – Produção sendo executada pelo grupo Enlourescer na oficina de cerâmica realizada na FURB.



Fonte: acervo da pesquisadora

Nesse contexto, Ostrower revela:

Viver a experiência e incorporá-la em seu ser sensível, conhecê-la por dentro. Daí, espontaneamente, lhe virá a capacidade de se chegar a uma síntese dos sentimentos – naquilo que a experiência contém de mais pessoal e universal – e de transpor esta síntese para uma síntese de linguagem, adequando as formas ao conteúdo. (1990, p. 17).

Neste mesmo contexto a Professora nº 2 responde: *“Aos conhecimentos de arte sim, porque eu fundamento em cima de um artista, eu vou buscar um pouco a história do artista, localizo no mapa, pra elas terem noção de espaço e tempo, e depois eu mostro pra elas, na verdade, algumas obras, não tem como ampliar o*

leque. Eu fecho, às vezes em quatro ou cinco obras e dou pra elas, e aí elas têm noção”. Retomei a pergunta, indagando se estes conhecimentos estão ligados à questão de produção de conhecimento, e logo eu acabei respondendo, dando o exemplo que observei durante a oficina, em que pude constatar que sim. Porque quando a professora explicou sobre as adinkras, ela disse o que cada uma significava, então elas produziram conhecimentos, que podem ser passados à diante, até porque, os conhecimentos que a professora constrói junto com elas nas oficinas, elas provavelmente utilizarão na vida. Ela concordou e disse: “Isso, deixa eu te explicar. Ontem chegou um usuário que estava há quatro meses internado. Quando eu cheguei aqui, cheguei empolgada, porque ele começou a pintar, então me disseram – não investe nele, que ele é danado, ele usa droga. Então ele viaja, de vez em quando volta. Aí quando ele voltou, ele disse – Eu quero ir lá com a Agnes pintar. Então disseram, não, tu vai ficar aqui na minha sala. Porque tem um número de usuários por grupo terapêutico. Até a primeira internação que ele teve, foi para o Rio Maina, e eu saí de lá bem atrapalhada. Aí depois eu comecei a aprender, deixar aqui dentro, chaveio e saio, aí fica aqui. Foi bem difícil, não é fácil de separar. Mas a vida vai te ensinando e tu tem que aprender na marra, porque se não, tu não consegue levar pra frente”.

Dessa forma, de acordo com Freitas (2006):

A educação através da arte como expressão instiga a interação com o conhecimento, como também uma capacidade de reaprender através da sensibilidade e da percepção de mundo, dando vazão no ato de criar com uma liberdade inovadora, indo além de conhecimento pessoal.

Nesse contexto, podemos entender que o ensino da arte é fazer relacionada ao pensar. Dando continuidade, trouxe a seguinte pergunta:

A Associação dos Usuários do Serviço de Saúde Mental tem como objetivo, a inclusão desses indivíduos em diversos setores da sociedade. De que maneira o projeto da FURB contribui para que isso aconteça e que lugar a arte ocupa nesse processo? A Professora nº 1 nos traz que: *“Eles desenvolvem trabalhos, participam de atividades dentro da instituição, fazem palestras; participações em aulas nos Cursos de Pedagogia, Educação Especial, Psicologia, Serviço Social, falam como agentes nesse processo. Eles vêm contar suas experiências e interagem com o grupo. É importante que o acadêmico se defronte*

com uma situação real”.

Para a Professora nº 2 perguntei de que maneira as oficinas de arte que ela ministra contribuem para a inclusão desses sujeitos nos diversos setores da sociedade e que lugar a arte ocupa no processo: E ela retornou, dizendo: *“Eu tento inseri-las na sociedade. Por isso te falei que eu as levo nesses espaços de arte. Conhecem galerias, já estiveram corpo à corpo com artistas. Nós fomos na Helen Rampinelli¹⁶ também, na Universidade. Eu vejo que a arte contribui para o crescimento delas e pra autoestima. O objetivo maior é a questão da autoestima, porque elas saem daqui colocando pra elas mesmas que são capazes, e elas são, e eu mostro pra elas”.* Então eu fiz uma colocação dizendo: Até porque, se essas oficinas têm o objetivo de contribuir para que esses sujeitos sejam inseridos de novo na sociedade, pra que a sociedade os veja da maneira como eles devem ser vistos, então a arte, ela ocupa esse lugar nesse espaço, de construção do sujeito, porque ela também tem esse poder. A professora nº 2 concorda e ressalta: *“Justamente, de construir e olhar, ficar encantado com o que fez e que é capaz, entendeu? Acredito que isso é o melhor de tudo”* conforme destaca a imagem 7.

¹⁶ Artista de Criciúma, que possui uma galeria de arte localizada na Avenida Centenário – Centro.

Imagem 7 – Almofadas com estampas africanas. Proposta feita pela professora nº 2 e executada pelas usuárias do CAPS de Cocal do Sul



Fonte: acervo da pesquisadora

Nesse contexto, trago uma citação do PCN de arte que destaca que:

Aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, alimentado pelas interações significativas que o aluno realiza com aqueles que trazem informações pertinentes para o processo de aprendizagem (outros alunos, professores, artistas, especialistas), com fontes de informação (obras, trabalhos dos colegas, acervos, reproduções, mostras, apresentações) e com o seu próprio percurso de criador. (BRASIL, 1997, p. 35).

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais são leis que norteiam a educação formal, trago-o para minha pesquisa com o intuito de fazer uma analogia, ressaltando sobre a construção do sujeito que aprende sobre arte, sendo ele aluno da educação básica, ou usuário do serviço de saúde mental.

Dando sequência ao roteiro da entrevista, perguntei: Durante um longo período da história da saúde mental, os indivíduos que sofriam algum tipo de transtorno da mente eram enclausurados, sofriam violência e eram excluídos da sociedade. A arte se mostrou uma grande aliada nesse período, porque o sensível vinha à tona e era encontrado na arte uma maneira de se expressar, mesmo que inconsciente. Como você enxerga as manifestações de expressão em arte, hoje no

ambiente em que atua? A Professora nº1 revela que: *“Se há uma doença, essa doença é provocada pelo contexto social, de alguma forma a sociedade é responsável por isso, porque os usuários que estão aí, que fazem parte desse nosso grupo, possuem um histórico familiar e social que os conduziram à isso. Então da mesma forma que a sociedade contribui para o transtorno, a sociedade é responsável pela cura. Alguns acabam adoecendo por conta do trabalho, tem muita gente doente por conta do trabalho. Começam com pequenas depressões, e aí vão adoecendo”*. Dessa forma, sobre a sociedade, Bauman destaca que:

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo [...]; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo em que fazem atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles escurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido – então cada sociedade produz esses estranhos. (1998, p. 27).

Consequentemente, quando os indivíduos que fazem parte de uma sociedade que os exclui, considerando-os “anormais”, os mesmos passam a perder direitos e oportunidades porque a sociedade passa a rejeita-los, então dessa forma, a mesma possui uma parcela de responsabilidade por criar esses estranhos.

Dando continuidade, perguntei à professora nº 1 se ela achava que a maneira como eles se expressavam no que produzem traz algo do contexto social deles. E ela destacou que: *“Traz, sem dúvida. Colocam na poética deles, o seu cotidiano, aquilo que eles vivem”*.

Segui trazendo o seguinte questionamento: A forma como a arte é apresentada, inclui pesquisa sobre algum artista? A professora nº 1 ressalta que: *“Sim, eles têm uma base teórica, com apresentação de power point”*.

Para a Professora nº 2: *“Elas gostam de vir, elas se propõem a fazer tudo o que eu proponho, todos os projetos, demonstram interesse de conhecer os artistas, a vida dos artistas, os trabalhos deles. E assim, tu viu hoje quando eu coloco pra elas que a gente ia pintar as adinkras, que nós iríamos usar as mesmas cores que a gente usou lá nas almofadas, que a gente usou estampas africanas, elas largaram bem de pressa, ninguém mais queria fazer o boneco – eu quero*

pintar, então hoje tu sentiu muito claro essa coisa boa que dá no pincel, na tinta, o resultado que dá pra elas, porque agora, depois que terminarmos, a gente vai pra linha de contorno, a gente tem a canetinha de tecido, faz toda a linha de contorno, que tu viu lá nas almofadas, então uma hoje chegou e disse pra mim – isso aqui depois vai o pretinho, né? Eu disse, é vai o pretinho, Então ela já sabe. Eu acredito que a realização pessoal delas, satisfação, uma treme, outra pinta mais rápido, outra mais devagar e eu respeito cada um no seu espaço e cada um com a sua maneira de ser”. Dessa forma trago Rilke (1980) que destaca que:

Deixar amadurecer inteiramente [...] e aguardar com profunda humildade e paciência a hora do parto de uma nova claridade: só isto é viver artisticamente na compreensão e na criação. O tempo não serve de medida – ser artista não significa calcular e contar, mas sim amadurecer como a árvore que não apressa a sua seiva. Aprendo diariamente: a paciência é tudo. (1980, p. 82).

Cada pessoa necessita de um tempo particular para processar informações e colocá-las em prática. Assim como na escola, é comum encontrarmos alunos que demoram mais tempo que os outros para finalizarem suas produções, o público da educação não formal também passa por esse processo. Portanto, torna-se importante que o profissional que atua nessa área, respeite as especificidades e o tempo de cada um.

Continuando a entrevista, perguntei: Para a psicologia, a arte é utilizada como mecanismo terapêutico. Você acha que a arte, em sua concepção ampla deve ser evidenciada nesses espaços como finalidades terapêuticas ou como área de conhecimento / linguagem? A Professora nº1 defende: *“Como área de conhecimento e linguagem, sem dúvida nenhuma. Porque a capacidade de aprendizagem deles é a mesma, a diferença é o tempo que eles necessitam para processar e desenvolver esse corpo de conhecimento. Para nós da educação a arte não é um recurso, é um conhecimento, assim como outros conhecimentos, e que podem ser apropriados por eles”*.

A Professora nº 2 destaca que: *“Olha, ela tem a finalidade terapêutica, como tu observou, e como área de conhecimento também. Para chegarem num espaço, tipo um museu, elas tiveram que ter um repertório antes, de como a gente se comporta. Quando a gente sai eu sempre digo, ó não pode por a mão, elas sabem tudo isso. Até quando a gente estava lá que veio outro grupo atrás de nós,*

elas disseram – professora, estão colocando a mão. Então eu sempre coloco pra elas. Quando eu vou à uma Bienal a gente brinca de esconder a mão pra trás, e depois quando eu cheguei num espaço que o cara disse ó, a senhora pode botar a mão, a gente até se apavorou. E quando elas vão nesses espaços, eu faço todo um relato. Hoje eu não preciso fazer mais, porque elas já sabem se comportar. E quando eu levo elas nos espaços, eu sempre procuro ter um mediador, porque o mediador vai trazer pra elas um conhecimento que eu não sei, até em função do tipo de arte que tem lá, se é artes visuais, se é uma escultura, se é uma dança, se é música. Colocar sempre pra elas que também é linguagem da arte, o cinema, que de vez em quando eu trago cinema pra elas. Eu fecho aqui as cortinas, ganhamos pipoca e guaraná e a gente transforma a nossa sala numa sala de cinema. Se eu não posso ir até o cinema, eu trago o cinema até elas, entendeu? Então eu vejo como conhecimento e como finalidades terapêuticas".

Nesse contexto, trago Vygotsky (2001, p. 345) que ressalta:

A contradição, a repulsão interior, a superação e a vitória são constituintes obrigatórios do ato estético. [...] A arte implica essa emoção dialética que reconstrói o comportamento e por isso ela sempre significa uma atividade sumamente complexa de luta interna que se conclui na catarse.

A arte deve atuar como dominante no processo em que permite o acionamento do sensível, desse modo, a criação se conclui num estado de libertação psíquica, em que consiste nas diferentes emoções que podem emergir do acionamento desse sensível, levando o sujeito a atingir diferentes sensações que podem reunir funções terapêuticas, embora essas funções não sejam o principal objetivo da arte.

Dando continuidade à entrevista, trouxe o seguinte questionamento: Considera importante que o profissional que atua com as oficinas de arte seja licenciado ou bacharel em Artes Visuais? Professora nº 1: *“Sem dúvida. O profissional formado na área é quem sabe lidar com essa questão de conhecimento, ele não pode ser um oficinante. Alguns CAPS têm a figura do oficinante, só que este profissional trabalha como um terapeuta ocupacional. Na maioria dos casos não tem o conhecimento adequado do que pode ser propiciado para os indivíduos, ele não tem conhecimento suficiente sobre materiais para oferecer uma oficina, uma aula, um ensino aprendizagem, que tenha toda a questão da responsabilidade sustentável*

de materiais químicos. Vou dar exemplos: se trabalha muito com feltro, com cola quente, com E.V.A, e todos esses materiais são derivados de petróleo, eles têm uma carga de metal muito grande. O feltro tem uma carga de metal no tingimento que é absurda, e isso passa para as mãos vai passar para o organismo. É muito comum você encontrar trabalhos com feltro nos CAPS, materiais que na verdade não vão auxiliá-los na promoção de saúde, porque eles estão trazendo outros danos. Na arte não, a pessoa consegue desenvolver objetos com sentido. E a partir de materiais, sustentáveis como argila e materiais de origem vegetal, ela está promovendo o próprio bem estar". Quando a professora trouxe o termo "oficinante", remeteu-me à primeira vez que ouvi a palavra "facilitador" dentro do espaço não formal, então comentei com ela que muitas vezes encontramos nos ambientes não formais os chamados facilitadores, ou educadores sociais, no caso do CRAS. O termo *oficinante* me parece algo menos palpável, parece algo relacionado ao fazer sem pensar.

Para a Professora nº 2: *"Olha, eu acredito que tem que ter uma formação, porque se não a gente sai da arte a cai no artesanato, e o papel do artesanato é do artesão e não do professor de Artes. Então tem que ter bem claro, tu viu aqui nos nossos espaços, o que é a arte e o que é o artesanato".* A professora disse isso, porque havia outra sala de oficina de artesanato ao lado da sala da oficina de Artes, e eu comentei com ela que, a gente já imagina a diferença entre a produção em arte e o artesanato, só que quando isso é observado na realidade, conseguimos estabelecer melhor essa diferença, se torna algo mais palpável. *"Tu viu o trabalho das meninas, elas se expressando, e tu viu a coisa metódica. Então eu acredito, até porque pra eu estar levando elas nesses espaços eu tenho que fazer todo um percurso, todo um trajeto. E outra coisa que eu tenho muito cuidado, quando eu levo elas, eu estou sempre dizendo que artista é igual a gente. Porque elas acabam botando o artista lá em cima e elas lá em baixo. Aquele cara escultor, o Galante fez uma fala com elas da última vez que a gente foi no espaço da galeria Octávia Gaidzinski que elas fizeram um círculo e ele conversou com elas, a coisa mais linda, e elas conversaram com ele. Por quê? Porque eu fiz essa parte de encorajá-las e de oportuniza-las a ir num espaço que, infelizmente no nosso país, a cultura é cara, mas existem espaços culturais que tu pode ir que é barato, que são museus. Não precisa ir num recital. Existem recital gratuito, existem museus gratuitos, então eu procuro esses espaços. E colocar pra elas que elas "são pessoas normais como*

qualquer outra”, entre aspas, claro, pois estão medicadas, mas a mesma oportunidade que uma pessoa sem medicação, elas têm. Eu sempre coloco pra elas que uma das funções da arte é mexer com as pessoas. Todo mundo chega ali no muro e não tem quem não diga, olha que colorido, mas eu bati o pé pra colocar aquele colorido ali é mais com o tempo que eu estou aqui, com o repertório que eu tenho, convenço as pessoas de que esses espaços tem que ser assim e hoje elas me dão essa autonomia, sabe? Então eu vou e faço a coisa acontecer, vou pra mídia, vou pro jornal, enfim, aquelas loucuras que professora de artes faz. Eu procuro leva-las nesses espaços e mostrar pra elas que não é um lugar estranho, não é um lugar qualquer, e ali geralmente tem sentimento, tem emoção.

Nesse contexto, trago Veiga (2000) que revela:

A educação estética pressupõe sujeitos plásticos, flexíveis que, por meio da educação dos sentidos e do aprimoramento da capacidade de ver, ouvir, falar, olhar, tocar, aprendam a valorizar e usufruir do chamado acervo cultural da humanidade, o patrimônio das obras de arte e literatura consagrados por instâncias socioculturais complexas. (p. 406).

Dessa forma, Veiga nos ajuda a entender a importância do acesso desses usuários aos setores de cultura e arte, para a ampliação de repertório dos mesmos e da mesma maneira, auxiliar no processo de construção humana.

E então a última pergunta foi, que formação complementar você acredita ser de relevância para o perfil do profissional que atua neste serviço? A Professora nº 1 destaca que: *“Uma formação que tenha foco na questão sustentável e ambiental, porque se há recursos que podem se aproximar de uma arte ou de uma produção artesanal mais genuína, isso está ligado com a questão sustentável, não necessariamente de materiais reciclados, mas se a gente for olhar para uma produção como a do Frans Krajcberg¹⁷, vamos ver um trabalho sustentável, é um trabalho que é possível desenvolver. Nós trabalhamos com cerâmica, com argila de fazer painéis, que são argilas limpas, não têm toxidade. Então a busca desses materiais, e não de materiais industrializados, que é o comum nas oficinas. Nas oficinas é comum o quê? O patchwork, que é com material industrializado, as colagens e os balangandãs. E na oficina de artes, o profissional que tem essa formação, que tem essa especialização, vai buscar recursos e coisas diferentes, que*

¹⁷ Artista polonês, naturalizado brasileiro. É pintor, escultor e fotógrafo. Suas obras destacam-se por refletir a preocupação com a preservação do meio-ambiente.

vão fugir do tradicional, que vão trazer um sentido à esse sujeito”.

A Professora nº 2 relatou que: *“Eu fiz muitos cursos na área de Arteterapia e na área da psiquiatria, pra poder estar entendendo um pouquinho da farmacologia e um pouquinho do que o remédio faz com elas, pra saber lidar com isso”.*

Ainda de acordo com Imbernón, os cursos de formação na área docente devem compreender:

[...] conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver profissionais reflexivos ou investigadores. Nesta linha, o eixo fundamental do currículo de formação do professor é o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a própria prática docente, com o objetivo de aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade social e a docência. (IMBERNÓN, 1994, p. 39).

Dessa forma, ressalto a importância do professor pesquisador, que busca por conhecimentos, a fim de trazê-los aos espaços de atuação com o intuito de gerar novos conhecimentos e promover mudanças em situações que se fazem necessárias.

7 PROJETO DE CURSO: O ENSINO DA ARTE NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS: OFICINA DE ARTE COM USUÁRIOS DOS SERVIÇOS DE SAÚDE MENTAL

7.1 EMENTA: Conceitos de Arte. Fundamentos da Arte. A arte e o sensível. Experiências com arte.

7.2 CARGA HORÁRIA: 12 horas.

7.3 PÚBLICO-ALVO: Usuários do Serviço de Saúde Mental de Blumenau e participantes das oficinas de artes do CAPS de Cocal do Sul.

7.4 JUSTIFICATIVA

Tendo como base o percurso metodológico dessa pesquisa, percebo a importância de explorar através da educação em arte, o sensível e de ressaltar a importância da arte como conhecimento e não apenas como recurso terapêutico ou ferramenta de produção em massa, como é comum observar na produção do artesanato. Nesse contexto, trago Rancière (1996) que destaca:

Os artesãos, diz Platão, não podem participar das coisas comuns porque eles não têm tempo para se dedicar a outra coisa que não seja o seu trabalho. Eles não podem estar em outro lugar porque o trabalho não espera. A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. (p. 16).

Ressalto ainda a importância de levar para esse ambiente, conteúdos de arte que sustentem a construção de novos conhecimentos. Ferraz e Fusari definem conteúdos de arte como: “Aspectos essenciais selecionados pelos professores dentre os conhecimentos artísticos e estéticos produzidos historicamente e em produção pela humanidade nas diversas modalidades artísticas”. (1993, p. 102).

Partindo da premissa sobre a relevância de apresentar a arte pela arte a esses espaços, torna-se essencial enriquecer o repertório dos participantes com conhecimentos sobre arte, de maneira que possam estabelecer um contato com esta área de conhecimento, produzindo, sentindo e conhecendo produções artísticas. Tudo isso contribui para que o sujeito se aproprie de forma progressiva de

diferentes interpretações sobre o cenário da cultura artística humana, levando-o a se reconhecer dentro da sociedade, estabelecendo relações com o seu contexto social.

Nesse contexto, trago a proposta de curso destinado aos usuários do serviço de saúde mental de Blumenau, participantes das oficinas de cerâmica da FURB e às participantes das oficinas de artes do CAPS de Cocal do Sul, a fim de promover conhecimentos e experiências de criação em arte, que gerem novos conhecimentos e estruturam o desenvolvimento do sensível.

Essa proposta tem como título “Vomitando seres imaginários” e é inspirada na produção “Vomitando criações” da artista Eli Heil e “Seres imaginários” da artista Camila Vieira.

Uma proposta que consiste que estudemos os conceitos de arte e de produção artística, conheçamos os processos de criação das duas artistas, onde Camila Vieira estará presente para explicar um pouco de seu processo, e então com base nos conceitos estudados, os participantes farão produções artísticas fundamentadas nas propostas de Eli Heil e Camila Vieira.

7.5 OBJETIVOS

7.5.1 Objetivo Geral

Proporcionar aos participantes o conhecimento sobre arte e um olhar reflexivo sobre produção em arte ampliando o repertório artístico cultural dos mesmos, dando bases para estimular o sensível dentro do processo de criação.

7.5.2 Objetivos Específicos

- Conhecer o conceito de arte e produção artística;
- Conhecer as produções de seres imaginários da artista Camila Vieira e seu processo criativo a partir de uma conversa com a artista.
- Conhecer a produção intitulada “Vomitando Criações” de Eli Heil.
- Estabelecer relações com os processos criativos das duas artistas.
- Realizar produções artísticas, tendo como base as produções das artistas Camila Vieira e Eli Heil.
- Visitar o museu “O mundo ovo de Eli Heil”, a fim de promover experiências

estéticas e relacionar os conceitos que estudaram, ao que foi produzido pela artista.

7.6 METODOLOGIA

Tabela 1 – Metodologia do Projeto de Curso

Encontros	Horário	Carga Horária	Propostas
1º	8h às 12h	4h	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o conceito de arte e produção artística. - Conhecer as produções de Camila Vieira e seu processo criativo a partir de uma conversa com a artista. (Apresentação e estudos acerca do processo criativo da artista). - Produção de seres imaginários através de manchas de tinta.
2º	8h às 12h	4h	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação e contextualização sobre a artista Eli Heil e seu processo criativo. - Contextualização da produção de Eli Heil intitulada "Vomitando criações". - Estabelecer relações com os processos de criação das duas artistas estudadas. - Criação a partir de manchas de anilina comestível, em que os participantes formarão as cores e colocarão na boca, depois irão cuspir e a partir da macha que se formou, construirão novas formas.
3º	8h às 12h	4h	<ul style="list-style-type: none"> - Visita ao museu "O mundo ovo de Eli Heil". - Conversa com os participantes afim de promover um espaço de narrativa, em que o objetivo consta em ouvir quais sensações a experiência com a criação em arte e a vivência num espaço expositivo os causou.

7.7 REFERÊNCIAS

FERRAZ, Maria H. e FUSARI, Maria F. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: Estética e política. São Paulo: EXO Experimental org.; Ed. 34, 2005. 72p. Tradução de Mônica Costa Netto.

8 CONCLUSÃO

[...] Já não sou o único que encontrou a paz
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, eu sou feliz.

(Os Mutantes – Balada do louco)¹⁸

Partindo do meu desejo inicial em realizar a pesquisa, sempre pensei na hipótese de que a arte proporciona felicidade às pessoas, tendo elas patologias no âmbito da saúde mental, ou não. Pude perceber o quanto os usuários e usuárias do serviço de saúde mental de Blumenau e Cocal do Sul, sentem-se realizados, capazes e felizes com as oficinas de arte, e isso foi perceptível na fala dessas pessoas. Ao observar as oficinas de cerâmica na FURB em Blumenau e de artes no CAPS de Cocal do Sul, os usuários e usuárias carregavam em suas falas as experiências com a arte que haviam adquirido dentro desse espaço não formal, a visita em museus, galerias, bate-papo com artistas e até mesmo a experiência de criação em arte. Seus olhos brilharam quando me trouxeram essas experiências, foi aí que percebi o quanto a arte se faz importante nesse processo de reconstrução desses sujeitos, e dessa forma faço a defesa de que ela deve ser apresentada como conhecimento e não apenas como recurso.

Retomando a entrevista que realizei com as professoras que possuem formação em Artes Visuais e atuam no espaço pesquisado, pude compreender “Como o professor formado em Artes Visuais atua no campo da educação não formal com usuários do serviço de saúde mental”, observei tanto na fala das professoras, quanto nas oficinas que pude assistir, que as mesmas fazem a defesa da apresentação da arte como corpo de conhecimento na educação não formal. As duas fundamentam suas aulas, fazem pesquisa em arte e incluem artistas.

Quero deixar claro que, meu propósito, ao decidir realizar a pesquisa nesse campo, não era, em momento algum menosprezar o trabalho dos terapeutas ocupacionais. Meu objetivo foi e sempre será a defesa pela arte, defender que a arte poderia ser evidenciada como conhecimento nesses espaços, e não apenas como recurso terapêutico, mas percebi que ela atua nas duas instâncias, pois se acreditamos que a arte auxilia na construção do sujeito, não poderíamos deixar de pensar que esse sujeito que foi incompreendido pela sociedade, que passa a ser

¹⁸Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mutantes/47541/> acesso em: 03/11/2016 às 10h43min.

atendido pelo CAPS por conta de uma patologia, passa por um processo de reconstrução dentro desse espaço, processo este que é permeado por um percurso de incertezas, reflexões, reconstrução e justaposição. Logo, pensar em metodologias que sejam sustentadas por conhecimentos em arte se faz relevante, pois esse sujeito compreende o que lhe é posto, o que delimita é o tempo que cada um leva para processar as informações e trazê-las para suas produções, que também se fazem num processo sustentado por incertezas, acertos e desacertos no meio do caminho. Pude compreender também, através das respostas trazidas pelas professoras que, o acesso desses usuários aos espaços onde a cultura e arte estão situadas, torna-se importante instrumento na busca pela inserção dos mesmos nos diversos setores da sociedade, pois o acesso às manifestações artístico-culturais é direito de todo cidadão, previsto na Constituição de 1988. Dessa forma, também foi constatado que o profissional de Artes Visuais que irá atuar no ambiente não formal, mais precisamente o da saúde mental, necessita de uma especialização que sustente conhecimentos sobre materiais para fazer uso nas oficinas, que não sejam tóxicos, que auxiliem na promoção de saúde e que sejam inovadores, que forneçam ricas oportunidades de aprendizagem, dessa forma trago Martins que discorre:

Mais do que quantidade de materiais, é preciso oferecer ricas oportunidades de aprendizagem. Para isso, é preciso selecionar meios acessíveis a realidade, inventar possibilidades para os materiais existentes, inovar, ousar. (2009, p.135).

E ainda, conhecimentos que compreendam as reações que os remédios causam nesses sujeitos, para que saiba lidar com isso.

No mesmo contexto, observei a relevância de estimular o sensível dentro desses espaços e dessa forma, busquei elaborar uma proposta de curso que sustentasse esse processo, ao mesmo tempo em que trabalha com conhecimentos em arte e inclui pesquisa sobre artistas.

A arte possui um poder transformador, sim, mas quando é articulada com bases teóricas que compreendem conhecimentos sobre o assunto, acaba gerando novos conhecimentos, passando a diante, de forma a auxiliar no processo de construção humana de quem está aprendendo com ela, no caso dos usuários do serviço de saúde mental, esse é um processo de reconstrução.

Ao analisar toda a pesquisa, compreendo que precisamos defender que a arte necessita ser evidenciada nesses espaços como corpo de conhecimento, pois

há ainda uma rejeição sobre os termos que remetem a arteterapia, por considerar que a arte é utilizada como recurso. Mas foi muito gratificante perceber que as professoras entrevistadas fazem essa defesa e atuam em meio a essas instâncias.

REFERÊNCIAS

- ANDRIOLO, Arley. A "Psicologia da Arte" no Olhar de Osório Cesar: Leituras e Escritos. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2003, 23 (4), 74-81. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a11.pdf>. Acesso em: 31/10/2016 às 14h36min
- BARBOSA, Ana Mae. Pesquisas em Arte-Educação: Recorte Sociopolítico. In: **Revista Educação & Realidade**. 30(2) 299-301. jul/dez - 2005. Disponível em: <seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12478>. Acesso em 07/11/2016
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. (Org). **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2002.
- BONGER, VJ. **Biografia de Vincent van Gogh por sua cunhada, seguido de cartas a Théo e cartas a Emile Bernard**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- BOULON, JM. **Vincent van Gogh in Saint-Paul de-Mausole**. Association Saint-Paul de-Mausole, 2003.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais - Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC, 1997.
- BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>> Acesso em: 21/10/2016.
- CARDOSO, Celso Aparecido. **Formação crítico-reflexiva: a relação teoria e prática**. Integração: ensino, pesquisa, extensão, ano VIII, nº 30, agosto de 2012.
- DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário: a estética do delírio**. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Araraquara, 2002.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- DUARTE JR., João-Francisco. **Porque arte-educação**. 22. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

FAZENDA, Ivani (org). **Dicionário em Construção** – Interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRAZ, Maria H.; FUSARI, Maria F. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Glória; MELLO, Cecilia Cotrin de. **Clement Greenberg e o Debate Crítico**. Rio de Janeiro: Funarte Jorge Zahar, 1997.

FREITAS, Joselaine Borgo Fernandes de. Arte é conhecimento, é construção, é expressão. In: **Revista Digital Art &**. Ano III, Número 03, Abril de 2005. ISSN, 1806-2962, Disponível em: <<http://www.revista.art.br>> Acesso em: 03 de novembro de 2016 às 16h02min.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. 1ª ed. São Paulo, Cortez, 2010.

_____. Educação não formal e o educador social em projetos sociais. In: VERCELLI, Lúcia (org). **Educação não formal: campos de atuação**. (Pedagogia de A a Z; vol. 11). Jundiaí, Paco Editorial, 2013.

HONORATO, Aurélio Regina de Souza/ PPGCL – **Arte e Ensino: Deslocamentos na Contemporaneidade**. Universidade do Sul de Santa Catarina. Simpósio. 6 – Formação de professores de Artes Visuais: mediações, tecnologias e políticas.

IMBERNÓN, F. **La formación del profesorado**. Espanha: Paidós, 1994.

KLOCK, Kátia. **Coração de Eli**. Documentário. Florianópolis: Contraponto, 2011. Média-metragem (48 min).

_____; SCHULTZ, Vanessa (Org.). **Óvulos de Eli: a expulsão dos seres de Eli Heil**. Florianópolis: Contraponto, 2011.

LARROSA Bondía, Jorge. (Org). **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2002.

LÜDKE, Menga. O professor, seu saber e sua pesquisa. In: **Educação & Sociedade**. Campinas: Unicamp. Vol. 22, nº 74, Abril/2001. p. 77–96.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e aprender arte**. São Paulo: FDT, 1998.

MARTINS, Miriam Celeste. **Teoria e prática do ensino da arte: A língua do mundo**. São Paulo, 1ª edição, 2010.

MELLO, Luiz Carlos. Flores do abismo. In: **Mostra do Redescobrimto**, 2000, São Paulo. **Imagens do inconsciente**. São Paulo: Fundação Bial de São Paulo: Associação Brasil 500.

_____. Apresentação. In: **BRASIL 500 Anos de Artes Visuais** (org). Mostra do Redescobrimto. [São Paulo]: Fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 Anos de Artes Visuais, [2000]. Apostila do curso de formação de monitores, 2000. p.104-117.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

_____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NÓVOA, António. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OSTETO, Luciana Esmeralda. Do cinzento ao multicolorido, linguagem oral, linguagem escrita e prática pedagógica na educação infantil. In: OSTETO, Luciana Esmeralda. LEITE, Maria Isabel. (Orgs) **Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão**. Campinas: Papirus, 2004. p. 79-96.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

_____. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PICASSO, Pablo. **O pensamento vivo**. São Paulo: Martin Claret, 1985.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política**. São Paulo: EXO Experimental org.; Ed. 34, 2005. 72p. Tradução de Mônica Costa Netto.

RILKE, J. M. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: Globo, 1980.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 4ª edição. São Paulo: Annablume, 2009.

SILVA, Jorge Anthonio e. **Arthur Bispo do Rosário**. Arte e Loucura. São Paulo: Quaisquer, 2003.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, Lucas. **Amores impossíveis e outras perturbações quânticas**. Porto Alegre: Dublinense, 2016.

URRUTIGAY, Maria Cristina. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens** / Maria Cristina Urrutigay. Rio de Janeiro: Wak, 2003.

VEIGA, C. G. Educação estética para o povo. In: LOPES, E. M. T. (Org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VOSKUIL, HAP. **Vincent van Gogh disease**: a testcase for the relationship between temporal lobe dysfunction and epilepsy? Breda, Holanda: De Klokkenberg Medisch, October, 1989.


VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALTHER, FI; METZER, R. **Van Gogh**: Obra completa de pintura. Koln: Taschen, 2006.

ZAGONEL, B. **Arte na educação escolar**. Curitiba: Ibpex, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Autorização do uso de imagem, fala e escrita.

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	---

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Daiane Cardoso
 Paes do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Me. Marcelo
 Feldhaus para que a mesma os disponibilize como dados da pesquisa de campo em
 seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.


Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

APÊNDICE B – QUESTÕES SEMIESTRUTURADAS

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	---

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA

01 – Há quanto tempo você atua nesse campo?

02 – Você concluiu a graduação em Artes Visuais – Licenciatura em que ano? Possui alguma especialização? Qual/Quais?

03 – O que te motivou a atuar no campo da educação não formal com usuários do serviço de saúde mental?

04 – Quais são os transtornos mentais que esses usuários do serviço apresentam?

05 – Qual o principal objetivo de realizar oficinas de arte neste serviço?

06 - Você considera que o processo de produção artística está ligado a questões relacionadas aos conhecimentos em arte como produção de conhecimento? Comente de que forma.

07 – A associação de usuários do serviço de saúde mental tem como objetivo, a inclusão desses indivíduos em diversos setores da sociedade. De que maneira o projeto contribui para que isso aconteça? Que lugar a arte ocupa neste processo?

08 – Durante um longo período da história da saúde mental, os indivíduos que sofriam algum tipo de transtorno da mente, eram enclausurados, sofriam violência e eram excluídos da sociedade. A arte se mostrou uma grande aliada nesse período, porque o sensível vinha à tona e era encontrado na arte uma maneira de se expressar, mesmo que inconsciente. Como você enxerga as manifestações de expressão em arte, hoje no ambiente em que atua?

09 – A forma como a arte é apresentada inclui pesquisas sobre algum artista?

10 – Para a psicologia, a arte é utilizada como mecanismo terapêutico. Você acha que a arte em sua concepção ampla, deve ser evidenciada nesses espaços como finalidades terapêuticas ou como área de conhecimento, linguagem? Comente

11 – Se a resposta for não, de que maneira você acha que a arte deve ser apresentada nesses espaços?

12 – Considera importante que o profissional que atua com as oficinas de arte seja licenciado, ou bacharel em Artes Visuais? Justifique.

13 - Que formação complementar você acredita ser de relevância para o perfil do profissional que atua neste serviço?